



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

OZIEL ALVES SILVA

Orientador: Rubens Marques de Lucena

Coorientador: José Ribamar de Castro

**A OCORRÊNCIA DA VOGAL *SCHWA* NA LÍNGUA INGLESA NA FALA DE
ALUNOS DE LETRAS-INGLÊS DA UFPB**

João Pessoa-PB

2017

OZIEL ALVES SILVA

**A OCORRÊNCIA DA VOGAL *SCHWA* NA LÍNGUA INGLESA NA FALA DE
ALUNOS DE LETRAS-INGLÊS DA UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras-Inglês.

Orientador: Rubens Marques de Lucena

Coorientador: José Ribamar de Castro

João Pessoa-PB

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Oziel Alves.

A ocorrência da vogal schwa na língua inglesa na fala de alunos de Letras / inglês da UFPB / Oziel Alves Silva. - João Pessoa, 2017.

62 f.:il.

Monografia (Graduação em Letras, língua inglesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

OZIEL ALVES SILVA

A OCORRÊNCIA DA VOGAL SCHWA NA LÍNGUA INGLESA NA FALA DE ALUNOS BRASILEIROS

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras Inglês.

Data de aprovação: 07/06/2017

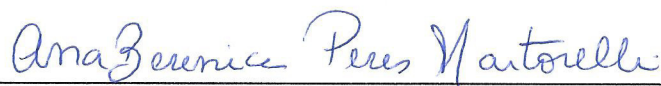
Banca examinadora:



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

Orientador

(UFPB)



Profª. Drª. Ana Berenice Peres Martorelli

Examinadora

(UFPB)



Profª. Drª. Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros

Examinadora

(UFPB)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me dado a vida, e por terem sido compreensivos e pacientes na maioria das vezes durante a minha jornada acadêmica e durante toda minha vida.

Aos meus irmãos, Igor e Adla, por tudo, sobretudo, pela cooperação e paciência, e por serem os primeiros e poucos a terem orgulho quando entrei na universidade. Acredito que isto tenha me dado força de vontade para seguir em frente.

A todos os meus amigos e colegas, que contribuíram de forma direta e indireta na minha formação acadêmica e também vida pessoal, especialmente, Hassã, Alyne, Junior e Magna que estiveram presentes na grande maioria dos momentos, me ajudaram e foram muito pacientes e amigos ao longo do curso.

A todos que contribuíram para a coleta dos dados dessa pesquisa, sobretudo, as minhas professoras Bárbara Cabral e Daniele Almeida, pela cooperação e disponibilidade em ajudar, e também pelas contribuições na minha formação acadêmica. A todos os participantes pela disponibilidade e vontade de ajudar.

Ao meu professor e coorientador José Ribamar, pela disponibilidade, orientação, paciência. Por ter me introduzido as disciplinas de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa que foram as minhas favoritas do curso. E principalmente, por ter sido o primeiro professor a aumentar significativamente minha noção de responsabilidade com os estudos.

Ao meu professor e orientador Rubens Lucena, por acreditar e se disponibilizar a me orientar, também pela paciência, dedicação e disponibilidade em ajudar.

A minha professora Maura Dourado, pelas oportunidades oferecidas, pela paciência e comprometimento com a minha educação. Por acreditar em mim mesmo quando nem eu mesmo acreditava.

A todos os outros educadores que contribuírem significativamente para minha formação acadêmica e social.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por oferecer o espaço e comprometimento com uma formação de qualidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. OBJETO DE ESTUDO	13
1.As vogais.....	13
1.2 A vogal <i>schwa</i>	15
1.2.1 Variações da vogal /ə/	17
1.3 Línguas de ritmo acentual e silábico	18
1.3.1 Redução vocálica em palavras funcionais	19
1.3.2 Elisão	19
1.4 A acentuação das sílabas.....	21
1.4.1 A acentuação nas palavras compostas	23
1.5 Alguns estudos envolvendo a vogal <i>schwa</i>	24
1.5.1 Pesquisa realizada por Nascimento e Carvalho (2012).....	24
1.5.2 Pesquisa realizada por Bollela (2002).....	25
1.5.3 As pesquisas realizadas por Marusso (2002) e (2003).....	25
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 A transferência linguística	28
2.1.1 Língua fonética vs Língua não fonética e a transferência grafo-fonêmica.....	30
2.2 A sociolinguística variacionista	32
2.3 A sociolinguística e aquisição de L2	33
2.3.1 A interlíngua.....	35
3. METODOLOGIA.....	37
3.1 Participantes e variáveis extralinguística controladas.....	37
3.1.1 Proficiência na língua inglesa	37
3.1.2 Consciência fonológica explícita	38
3.1.3 Gênero	38
3.2 Coleta e Análise dos dados	38
3.2.1 Instrumentos	39
4. RESULTADOS E ANÁLISE.....	40
4.1 Instrumentos utilizados	40
4.2 Ocorrência geral do <i>schwa</i>	41
4.3 Variáveis extralinguísticas controladas.....	42
4.3.1 Nível de proficiência na língua inglesa	42
4.3.2 Consciência fonológica explícita	43

4.3.3 Gênero	45
4.4 Algumas considerações sobre a transfência linguística	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A- Termo De Consentimento Livre e Esclarecido.....	55
APÊNDICE B - Instrumento I.....	56
APÊNDICE C- Instrumento II	57
APÊNDICE D- Dados De Ocorrência Da Vogal <i>Schwa</i>	58
APÊNDICE E - Instrumento de Análise	61

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1: As vogais orais do PB.	14
Figura 2: Diagrama vocálico com a localização das vogais identificadas para o inglês britânico.....	14
Figura 3: Articulação da vogal <i>schwa</i>	16
Figura 4: Contraste entre as vogais /ɜ:/ e /ə/.....	16
Figura 5: Posição dos lábios ao pronunciar a vogal <i>schwa</i>	16
Figura 6: Relation between the English sounds: ə ₁ ə ₂ ə ₃	17

QUADROS

Quadro 1- Elisão da vogal <i>schwa</i>	20
Quadro 2- Contraste entre substantivos/adjetivos e verbos do inglês RP.	22
Quadro 3- Distinção entre substantivo e verbos por meio de acentuação gráfica no PB.	22
Quadro 4- A redução vocálica nas palavras compostas no inglês RP.	23
Quadro 5- Ocorrência do fonema <i>schwa</i> nas vogais gráficas da língua inglesa.....	31

GRÁFICOS

Gráfico 1- Ocorrência geral do <i>schwa</i>	41
Gráfico 2- Ocorrência do <i>schwa</i> pelos níveis de proficiência.....	42
Gráfico 3- Ocorrência do <i>schwa</i> na variável gênero	45

TABELAS

Tabela 1- Comparação entre os instrumentos utilizados	40
Tabela 2- Comparação da ocorrência do <i>schwa</i> referente a consciência fonológica explícita dos informantes	44

RESUMO

Esta pesquisa tratara da ocorrência do fonema *schwa* na fala de alunos brasileiros, tendo como informantes alunos do curso de Letras-Inglês da UFPB residentes da cidade de João Pessoa. O objetivo da nossa pesquisa é quantificar e analisar a ocorrência/não ocorrência da vogal *schwa* em palavras lexicais. Acreditamos que fatores extralinguísticos possam influenciar a ocorrência do *schwa* na fala de alunos brasileiros, desta forma para comprovarmos nossa hipótese selecionamos três fatores extralinguísticos: Nível de proficiência; consciência fonológica explícita e gênero. A pesquisa tem como principal aporte teórico os pressupostos da aquisição de L2 e a sociolinguística, por meio de autores como Bayley (2005), Tarone (2007) Gass e Selinker (2008). Para análise dos dados fizemos uma análise oitiva da ocorrência do fonema estudado a qual nos possibilitou comprovar que alguns fatores extralinguísticos podem influencia a ocorrência da vogal *schwa* na fala de alunos brasileiros.

Palavras-chave: *Schwa*, fatores extralinguísticos, aquisição de L2, sociolinguística, análise oitiva.

ABSTRACT

The present research revolves around the production of the schwa sound by Language Major students from Federal University of Paraíba, in João Pessoa. The goals of this paper are to quantify and analyze whether the schwa is produced in lexical words. We believe that extra-linguistic factors can influence on the production of schwa in the speaking skill of Brazilian students. Therefore, we selected three factors in order to prove such hypothesis: proficiency level, phonological awareness and gender. The theoretical background used is focused on the assumptions of L2 acquisition and sociolinguistics through authors such as Bayley (2005), Tarone (2007), and Gass and Selinker (2008). A hearing analysis was carried out, which made it possible to prove that extra-linguistic factors do have an influence on the production of schwa by Brazilian learners.

Keywords: Schwa, extra-linguistic factors, L2 acquisition, sociolinguistics, hearing analysis.

INTRODUÇÃO

Ao tentar aprender uma língua estrangeira, o aprendiz se depara com um universo de possibilidades, pois cada língua possui características próprias, influenciadas por outras línguas, bem como características únicas surgidas provavelmente devido aos diferentes aspectos particulares de cada comunidade de fala. A sociolinguística é uma subárea da linguística que estuda a língua em uso real dentro de uma comunidade de fala, levando em conta as relações entre as estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.

Durante os anos de 1960 e 1970, houve um desenvolvimento significativo de duas subáreas da linguística, o estudo da sociolinguística quantitativa e a investigação sistemática da aquisição de segunda língua. Segundo Bayley (2005), essas duas áreas de estudo partiram de uma preocupação comum, uma vez que ambas buscavam entender os sistemas subjacentes de variedades de línguas.

Uma das grandes dificuldades ao aprender uma língua estrangeira está no âmbito da pronúncia, varias pesquisas como Gomes (2014), Lima (2014), mostram as dificuldades específicas dos alunos do português brasileiro (PB) no que se refere à pronúncia de uma língua estrangeira em uma perspectiva sociolinguística, considerando assim, os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos no processo de aquisição de L2. Outras abordagens de aquisição de aquisição de L2, como a análise contrastiva, têm a língua materna como foco principal. Mascherpe (1970) argumenta que a maior fonte de interferência ao se aprender uma língua estrangeira vem da própria língua materna. Desta forma, segundo o autor, o aluno tende a transferir os fonemas da sua língua para uma língua estrangeira, causando assim dificuldades no que diz respeito à pronúncia e compreensão oral da língua estrangeira estudada.

No caso do inglês, uma das grandes reclamações dos falantes do PB é de como a escrita e a fala são completamente diferentes. Autores como Jones (1962), Kelly (2000) assinalam que a língua inglesa não é uma língua fonética, ou seja, há uma grande discrepância entre a grafia e a pronúncia; em línguas como o PB, embora não apresente uma correspondência perfeita, existe uma maior correspondência entre os sons e a grafia. Tanto a língua portuguesa como a língua inglesa usam o mesmo sistema alfabético, que é o latino, conseqüentemente, segundo Steinberg (1986), isso causa problemas de interferência, pois os

alunos tendem a usar os padrões fonéticos da língua materna na língua em que ele está aprendendo. Por exemplo, no inglês a vogal “a” pode ser pronunciada por mais de sete sons vocálicos (fonemas) diferentes.

A língua inglesa possui uma grande variedade de fonemas, sendo aproximadamente 44 sons diferentes; a principal divisão entre esses sons se dá entre consoantes e vogais. Segundo Mascherpe (1970), as vogais são vistas como os sons mais problemáticos na aprendizagem de inglês por falantes do PB. Dentre as vogais, a vogal central /ə/, conhecida como *schwa*, ganha destaque por ser o som mais comum da língua inglesa. Esta vogal está presente em grande parte das sílabas átonas e também é muito comum na pronúncia das palavras funcionais da língua inglesa. Kenworthy (1987, p.51) afirma que todos os estudantes de língua inglesa, mesmo nos níveis iniciantes, devem ser conscientizados da existência da vogal central /ə/. Deste modo, a não introdução da vogal *schwa* para alunos de língua inglesa pode acarretar em problemas de pronúncia. Em alguns casos, esses problemas podem ser levados para níveis de proficiência mais avançados.

Embora a pronúncia seja um fator de grande importância para aprendizagem de uma língua, neste caso o inglês, nem sempre esta recebe a atenção que merece por parte de alguns professores de língua inglesa. Algumas pesquisas como Hirakawa (2007), Sousa (2009) e Rissi (2012) apresentam como foco a interface entre ensino de língua inglesa e fonética de um modo geral. A nossa pesquisa não tem como foco principal o ensino, porém pode trazer contribuições para o ensino da língua inglesa, pois tratará da vogal média *schwa*, a qual é um fonema característico da língua inglesa que pode acarretar tanto em problemas na produção oral quanto na compreensão oral. Kelly (2000) classifica e descreve as vogais da língua inglesa apontando quais vogais causam dificuldades para determinados idiomas. O autor aponta o *schwa* como sendo uma das vogais que causam dificuldades para os aprendizes de língua inglesa que falam português.

Desta forma, essa pesquisa tem como objetivo geral quantificar e analisar a ocorrência/não ocorrência da vogal *schwa* em palavras lexicais por aprendizes de língua inglesa da cidade de João Pessoa. A investigação tem como objetivos específicos verificar quais variáveis linguísticas e extralinguísticas podem influenciar essa ocorrência. Também especularemos sobre possíveis casos de transferência linguística.

Acreditamos que o nível de proficiência dos alunos terá uma influência no uso da vogal *schwa*, de modo que os alunos de níveis mais avançados provavelmente vão pronunciar a vogal *schwa* mais frequentemente do que os de níveis mais iniciantes. Outra variante

extralinguística que possivelmente será relevante é a consciência fonética, sobretudo no que diz respeito à distinção entre sons e grafia, os quais são dois aspectos diferentes em uma língua, porém essa distinção muitas vezes não fica clara quando não se tem um conhecimento fonético sobre a língua estudada, porém nem todos os aprendizes de uma língua estrangeira possuem esse saber explícito. A variável gênero também será levada em consideração em nossa pesquisa. Segundo Paiva (2015), a maior ou menor ocorrência de certas variantes linguísticas muitas vezes pode estar associada à variável extralinguística gênero, deste modo por mera especulação social acreditamos que o *schwa* vai ser mais recorrente na fala das mulheres.

A pesquisa está dividida em introdução, quatro capítulos e considerações finais. No capítulo 1. OBJETO DE ESTUDO, falaremos sobre o fonema estudado e os elementos da língua inglesa que envolve esse fonema, nesse capítulo, de modo geral, teremos como aporte teórico autores como Jones (1962), Gimson (1970), Kelly (2000) dentre outros. Ainda no capítulo 1. OBJETO DE ESTUDO, faremos uma breve revisão da literatura sobre o fonema estudado no subcapítulo 1.5 *Alguns estudos envolvendo a vogal*. No capítulo 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, falaremos sobre os aspectos teóricos da aquisição de L2, este capítulo se subdivide em 2.1 A transferência linguística e 2.2 A sociolinguística variacionista, teremos como principais teóricos Bayley (2005), Tarone (2007), Gass e Selinker (2008). No capítulo 3. METODOLOGIA, falaremos sobre os aspectos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. No capítulo 4. RESULTADOS E ANÁLISE, faremos um levantamento dos dados coletados e analisaremos esses dados. Por fim, teremos as CONSIDERAÇÕES FINAIS, na qual traremos nossas considerações finais sobre a pesquisa e seus possíveis desdobramentos.

1. OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo é destinado a tratar sobre o fonema estudado em nossa pesquisa o *schwa*. Falaremos sobre suas possíveis variações e ocorrências na língua inglesa em diversos aspectos da língua como a redução vocálica, elisão, acentuação, etc. Também falaremos da sua relevância para a língua inglesa. No subcapítulo 1.7 traremos um breve levantamento de estudos feitos sobre o fonema estudado.

1. As vogais

A caracterização tradicional dos sons vocálicos e consonantais em nível articulatorio, segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015), é entendida a partir da liberação de fluxo de ar dos pulmões. Na realização das consoantes existe uma obstrução no trato oral, podendo ser parcial ou total. Na realização das vogais, não há um impedimento da passagem de ar, desta forma os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando livremente ou praticamente sem obstruções no trato vocal. Outra diferença entre elas, ainda segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) diz respeito à vibração das pregas vocais: as vogais são sempre sonoras enquanto que as consoantes podem ser sonoras e surdas. Porém, em algumas línguas como japonês existem vogais que podem ser *devoiced*, termo do inglês que significa sons geralmente sonoros pronunciados com vibração total ou parcial das pregas vocais. Na língua inglesa, as vogais são na maioria das vezes sonoras, contudo, em alguns casos segundo Low (2015, p.47) palavras como *potato* e *tomato* podem ter a primeira vogal /ə/ completamente *devoiced* e quase omitida.

Jones (1962) argumenta que a distinção entre vogais e consoantes é, na verdade, uma distinção baseada em considerações acústicas, alguns sons são mais sonoros do que os outros, desta forma, segundo o autor, o som /a/ produzido de uma maneira padrão pode ser escutado a uma distância maior que o som /p/ produzido da mesma maneira.

As vogais do PB, de acordo com Silva (2015), são descritas levando em conta os seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura (alguns autores referem-se à altura em termos de abertura/fechamento da boca); posição da língua em termos de anterior ou não anterior; arredondamento ou não dos lábios.

No inglês, autores como Jones (1962), Gimson (1970) Kelly (2000) consideram todos esses aspectos na classificação das vogais, mas também levam em conta a tensão ou duração das vogais, que segundo Schütz (2008) é inexistente no português. O inglês possui cinco vogais classificadas como longas, sendo elas /i:/, /u:/, /ɔ:/, /ɑ:/, /ɜ:/.

Abaixo temos duas figuras dos quadros vocálicos; não serão levados em consideração os ditongos. No primeiro temos as vogais orais do PB, enquanto que no segundo temos as vogais do inglês.

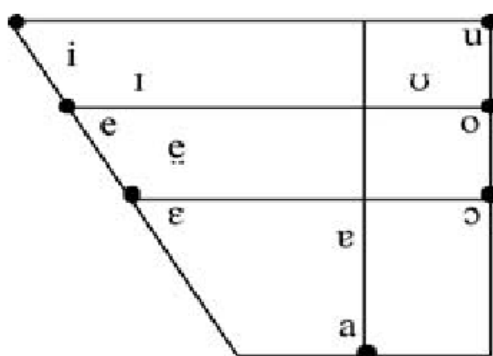


Figura 1: As vogais orais do PB (BARBOSA e ALBANO, 2004).

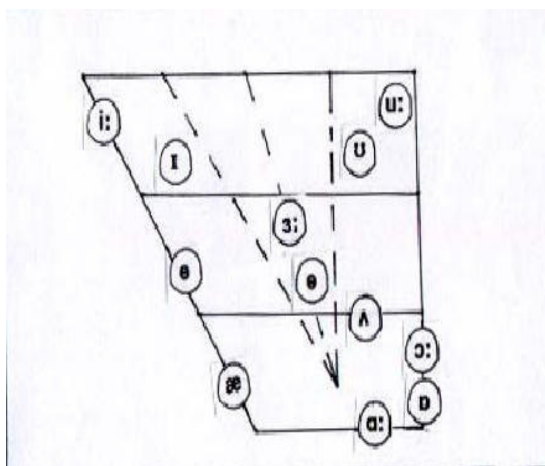


Figura 2: Diagrama vocálico com a localização das vogais identificadas para o inglês britânico. (JONES, 1969 apud MARUSSO, 2003).

O quadro do português usado acima é nomeado vogais orais do PB (cf. figura. 1) , e o do inglês é apenas vogais, essa nomenclatura acontece, pois o as vogais do PB são classificadas entre vogais orais e nasais, enquanto as vogais do inglês são apenas orais.

Algumas vogais do inglês não têm um fonema correspondente exato no PB como as vogais longas do inglês /i:/, /u:/, /ɔ:/, /ɑ:/, /ɜ:/, dentre outras também como o /ʌ/, /æ/. As vogais que não existem no sistema vocálico nativo do aprendiz são as que geralmente causam mais dificuldades na pronúncia dos aprendizes. Segundo Mascherpe (1970), os alunos tendem a pronunciar essas vogais como se fosse alguma vogal existente no seu sistema vocálico, por exemplo, ao pronunciar a palavra *beat* /bi:t/ os falantes do PB muitas vezes usam a vogal curta /ɪ/ no lugar da vogal longa /i:/.

Outros fonemas vocálicos, embora tenham um fonema correspondente exato, não necessariamente são pronunciadas da mesma forma, como podemos ver nos quadros vocálicos usados; os fonemas possuem lugares de articulação diferentes e isso resulta em uma pronúncia diferente. Tomemos como exemplo a vogal /e/ presente em ambos os sistemas vocálicos. Segundo Jones (1991), a língua portuguesa tem um /e/ muito fechado como na palavra “vermelho” e outro /ɛ/ muito aberto encontrado na palavra “pé”, o inglês tem apenas um /e/ situado entre essas duas formas, se aproxima mais da forma aberta e é mais curto.

1.2 A vogal *schwa*

A vogal *schwa* também conhecida como xevá ou xuá tem sua origem na língua hebraica tendo como significado “nada” ou “vazio” (cf. KELLY, 2000). Godoy, Gontow e Marcelino (2006) ressaltam que além de ser originária do hebraico, acreditam que a palavra *schwa* é derivada de duas palavras alemãs: *Schwaches* e *Ausspruch*= *weak pronunciation* que em português é equivalente a pronúncia fraca. Segundo Roach (1991), a vogal *schwa* é o som que ocorre com mais frequência na língua inglesa e está sempre associada às sílabas fracas. O dicionário Cambridge online define a vogal *schwa* como uma vogal fraca em sílabas não enfatizadas, podendo ser encontrada, por exemplo, na primeira sílaba da palavra *about* e na última sílaba da palavra *given*. O símbolo que representa essa vogal é o /ə/ que pode ser visto como um “e” do alfabeto latino invertido.

A vogal *schwa* tem como característica no inglês aparecer em sílabas átonas, porém McMahon (2002, p.95) destaca uma característica como sendo única do inglês neozelandês, que é o fato da vogal *schwa* aparecer em posição acentuada em palavras como “kit” que é pronunciada com a vogal /ɪ/ nos outros países que falam a língua inglesa.

Quanto à articulação, a vogal *schwa* é uma vogal central. Segundo Hooke e Rowell (1982), é produzida com meio da língua em uma posição alta, e a parte de trás e da frente baixas (cf. fig. 3). O meio da língua fica em uma posição um pouco mais baixa do que na produção da vogal /ɜ:/ (cf. fig. 4)

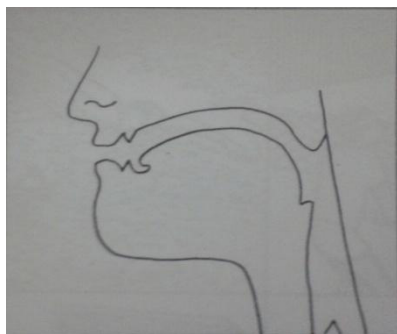


Figura 3: Articulação da vogal *schwa* (HOOKE e ROWELL, 1982, p. 146).

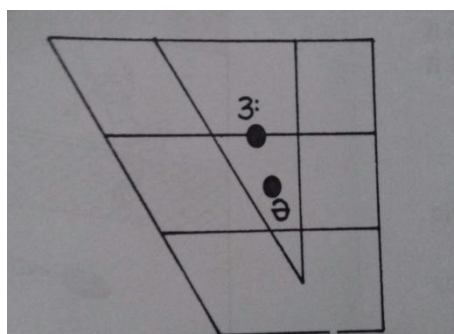


Figura 4: Contraste entre as vogais /ɜ:/ e /ə/ (HOOKE e ROWELL, 1982).

Quanto à posição dos lábios, ainda segundo Hooke e Rowell (1982), a vogal *schwa* é produzida com a boca quase fechada e os lábios um pouco espalhados como mostra a figura 5 abaixo.

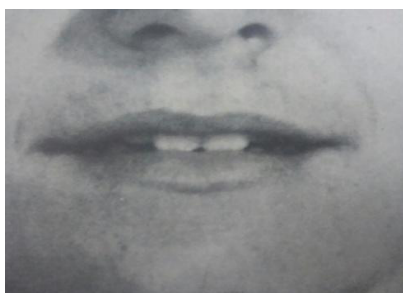


Figura 5: Posição dos lábios ao pronunciar a vogal *schwa* (HOOKE e ROWELL, 1982).

1.2.1 Variações da vogal /ə/

Segundo Jones (1962, p. 92), existem três variantes principais da vogal *schwa* no inglês RP que ele denomina ə_1 , ə_2 , ə_3 . A primeira que é o ə_1 é a mais recorrente, sendo similar ao /ɜ:/ em timbre, mas sempre extremamente breve. Esta vogal fica situada na região central, medial alta (cf. fig. 6), contudo, varia muito dependendo do falante e da natureza dos sons adjacentes. Podemos encontrar esse som em posição inicial e medial em diversas palavras como na letra “a” de palavras como *along* /ə'ləŋ/, *attempt* /ə'tempt/; na letra “e” como em *pavement* /'peɪv·mənt/ , *modern* /'mɒd·ə'n/ ; etc. Também é a vogal encontrada na maioria das palavras funcionais em suas formas fracas conhecidas como *weak forms* na língua inglesa.

A segunda variante descrita por Jones (1962) é o ə_2 , que acontece quando temos a vogal *schwa* adjacente às consoantes velares k, g, em palavras como: *condemn* /kən'dem/ ; *hypocrite* /'hɪp.ə.krɪt/; dentre outras. Esta vogal é pronunciada com a língua em uma posição mais alta e mais posterior do que o ə_1 (cf. fig. 6). Gimson (1970) aponta que a variação da vogal *schwa* velar também pode ocorrer quando esta está adjacente à consoante nasal velar /ŋ/, como em *long ago* /'ləŋ ə'gəʊ/.

A terceira variante apontada é o ə_3 , esse *schwa* é mais aberto que os demais e se assemelha mais ao /ʌ/ e é não é tão curto quanto o ə_1 . Esse som é encontrado em posição final, podemos encontrá-lo em palavras como *china* /'tʃaɪ.nə/; *father* /'fa:ðə/; dentre outras.

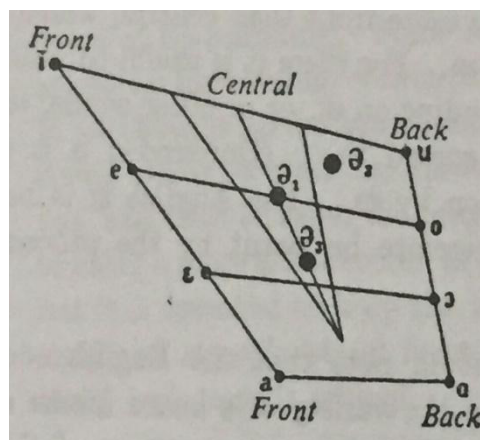


Figura 6: Relation between the English sounds: ə_1 ə_2 ə_3 (Jones, 1962).

Jones (1962) afirma que o ə₁ tem uma recorrência bem maior. Para o autor não é necessário que o aprendiz seja capaz de distinguir ə₁ do ə₂, pois seu inglês vai soar natural mesmo que ele pronuncie ə₁ no lugar do ə₂. Com relação ao ə₃, este vai apenas ocorrer no final de palavras; se as palavras forem seguidas de uma outra palavra, este vai ser substituído pelo ə₁.

1.3 Línguas de ritmo acentual e silábico

Algumas línguas como o árabe, inglês e o russo são consideradas línguas de ritmo acentual. Segundo Abercrombie (1967 apud MIGLIORINI 2007, na tradução de MASSINI-CAGLIARI, 1992), nas línguas de ritmo acentual “a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de acentos: os pulsos dos acentos e, portanto, as sílabas acentuadas são isócronas”. Nas línguas de ritmo silábico como o japonês, francês e espanhol “a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de sílabas: os pulsos torácicos e, portanto, as sílabas recorrem a intervalos iguais de tempo – elas são isócronas.” ABERCROMBIE (1967 apud MIGLIORINI 2007). Desta forma, o acento frasal tem grande importância para um idioma como o inglês e as sílabas que não são acentuadas, de acordo com Kelly(2000), perdem sua qualidade vocálica, se tornando assim uma das vogais fracas seguintes /ə/, /ɪ/ ou /ʊ/, com maior frequência a primeira.

O PB é controverso quanto a essas duas classificações. Migliorini (2007) faz um estudo sobre as divergências do português quanto a essas duas classificações. A autora argumenta que alguns teóricos que versam sobre o assunto como Cagliari & Abaurre (1986) chegam à conclusão de que alguns falantes do PB usam o ritmo silábico, enquanto que outros fazem uso do ritmo acentual. Segundo Dauer (1983, p. 60 apud MIGLIORINI 2007, p.2), “o conceito de ritmo silábico teria sido desenvolvido por falantes de inglês para descrever um tipo de ritmo que não fosse o do inglês, de modo que todas as línguas que não fossem de ritmo acentual seriam de ritmo silábico.”. Segundo Marusso (2003), não é possível estabelecer uma definição precisa no que diz respeito a essa dicotomia, que englobe de forma precisa as peculiaridades de certas línguas como o PB.

Enquanto o PB é controverso quanto ao seu ritmo, o inglês é apontado por diversos autores como Kelly (2000), Mortimer (1985) como uma língua de ritmo acentual, isso traz

algumas implicações e características da língua inglesa principalmente em nível suprasegmental como redução vocálica, elisão, etc.

1.3.1 Redução vocálica em palavras funcionais

A redução vocálica é um fenômeno muito recorrente na língua inglesa devido provavelmente a sua característica de ser uma língua de ritmo acentuado. Segundo Kelly(2000), a língua inglesa tem uma tendência bem maior do que outras línguas a reduzir as vogais tanto em duração quanto em qualidade vocálica. Essa redução geralmente é mais comum nas palavras funcionais, por exemplo, a palavra funcional “for /fɔːr/” pronunciada isoladamente com a vogal /ɔː/, porém em uma frase esta tem uma grande possibilidade de se tornar uma vogal reduzida sendo pronunciada então com a vogal /ə/. As palavras funcionais, segundo Crystal (2008), são aquelas que possuem um papel amplamente ou completamente gramatical como pronomes, artigos, conjunções etc. Estas palavras se opõem ao outro termo que são palavras conhecidas como lexicais essas contêm o principal conteúdo semântico.

As “formas fracas” do inglês foram motivo de diversas pesquisas como Christiano (1984). Segundo Christiano (1984), as formas fracas do inglês são uma das grandes dificuldades dos alunos brasileiros ao aprenderem a língua inglesa. Roach (1991) aponta que dos principais motivos para aprender as “formas fracas” o primeiro é que, ao falar sem fazer uso das “formas fracas”, a pronúncia do aprendiz não vai soar natural na perspectiva de um nativo. O segundo motivo, e mais importante, é que o aprendiz que não tem domínio das formas fracas vai ter dificuldades ao compreender os nativos, tendo em vista que as “formas fracas” são muito usadas na fala.

1.3.2 Elisão

A elisão ou o desaparecimento de um som, segundo Gimson (1970), acontece desde os tempos do *Old English* e é uma característica da língua inglesa que ocorre nas sílabas fracas de algumas palavras. Kelly (2000) aponta algumas “regras” ou tendências de elisão na língua inglesa, como a elisão dos fonemas /t/ e /d/ quando entre encontros consonantais; a simplificação de alguns encontros consonantais complexos como na palavra “act” na terceira pessoa, entre outras. Os símbolos usados para marcar uma possível elisão são geralmente colchetes “()” ou “sobrescrito” que é o método usado por algumas transcrições

fonêmicas que podem ser encontradas em dicionários como o *Cambridge Online*. Nessa pesquisa usaremos sobrescrito para as transcrições fonêmicas, por exemplo, na palavra “better” no inglês britânico *Received Pronunciation* (RP) o /r/ não é pronunciado, porém em outras variantes ele é, o /r/ subscrito fica da seguinte forma: /'bet.ə^r/.

Gimson (1970) ressalta que é importante distinguir a elisão em dois tipos. O primeiro é a elisão histórica: esses casos aconteceram em determinado período e estão estabelecidos na língua como *forecastle* /'fəʊ^rksl/ em que temos a elisão histórica do /r/ em algumas variantes do inglês como o RP, e também temos a elisão do fonema /t/ que de um modo geral não é mais pronunciado na língua inglesa. Jones (1962) ressalta que os casos de elisão histórica de vogais não acentuadas são comuns na língua inglesa, principalmente das vogais /ə/ e /ɪ/, como no caso da palavra “history” /'hɪstri/, porém em algumas variantes do inglês a palavra continua sendo pronunciada /'hɪst^əri/.

Os outros casos de elisão são os que são recorrentes na atualidade, e geralmente acontecem devido à fala rápida e ao coloquialismo. Gimson (1970) mostra alguns casos elisão da vogal /ə/, como a tendência a elisão do /ə/ em sílaba pós-tônica ou pré-tônica, como na sequência: consoante + /ə/ + /r/ / seguido de uma consoante, por exemplo, em “preferable” /'pref.^ər.ə.bəl/, para mais exemplos (cf. quadro 1). Da mesma forma, a sequência consoante + /ə/ + /l/ / seguido de consoante tanto em posição pré-tônica como pós-tônica também favorece a elisão da vogal *schwa* (cf. quadro 1). Em alguns outros casos (cf. quadro 1) há uma frequente elisão da vogal *schwa* em posição pré-tonica.

Quadro 1- Elisão da vogal *schwa*

Pre-tônica /ə/ + /r/	/ə/ + /r/ pos-tônica	Pre-tônica /ə/ + /l/	/ə/ + /l/ pos-tônica	Outros casos de elisão da vogal /ə/ em sílabas pré-tônicas
<i>Charada</i> /ʃ ^ə 'reɪd/	<i>Comparable</i> / 'kɒm.p ^ə r. ə. bəl/	<i>Balloon</i> /b ^ə 'lu:n/	<i>Bachelor</i> / 'bætʃ. ^ə l. ə r/	<i>Fashionable</i> / 'fæʃ. ^ə n. ə. b ^ə l/
<i>Correct</i> /k ^ə 'rekt/	<i>Nursery</i> / 'nɜ:.s ^ə r. i/	<i>Collision</i> /k ^ə 'lɪʒ. ^ə n/	<i>Fatalist</i> / 'feɪ ^ə lɪst/	<i>government</i> / 'gʌv. ^ə n. mən t/
<i>Veranda</i>	<i>Robbery</i>	<i>Police</i>	<i>Insolent</i>	<i>National</i>

/v ^ə 'ræn.də/	/'rnb.ə ^ə r.i/	/p ^ə 'li:s/	/'m.s ^ə l.ənt/	/'næf.ə ^ə n.əl/
<i>Terrific</i>	<i>Temporary</i>	<i>Solicitor</i>	<i>Family</i>	<i>Probably</i>
/t ^ə 'rif.ɪk/	/'tem.pr ^ə r.i/	/s ^ə 'lɪs.ɪ.tər/	/'fæm.ə ^ə l.i/	/'prnb.ə ^ə bli/

Fonte: Adaptado de Gimson, 1970

1.4 A acentuação das sílabas

Crystal (2008, p.454) define a palavra “acento” como um termo usado na fonética que se refere ao grau de força ou ênfase usado ao produzir uma determinada sílaba. As sílabas que recebem o acento são tidas como mais proeminentes que as demais, estas são distinguidas foneticamente pelo símbolo [']. Essa proeminência geralmente se dá por um aumento na sonoridade, contudo a duração e o tom de uma sílaba também contribuem para a noção geral de proeminência. No que se refere à fonologia, Crystal (2008, 454-455) sustenta que a principal função da acentuação é prover meios entre graus de ênfase e distinção nas frases.

Segundo McMahon (2002), existem três fatores relevantes que combinados sinalizam a acentuação nas sílabas. O primeiro fator, as pregas vocais vibram mais rapidamente na produção das vogais acentuadas; segundo, a duração das sílabas acentuadas é maior; terceiro, as sílabas acentuadas são produzidas com maior intensidade, desta forma são ouvidas como mais altas do que as não acentuadas.

Ainda segundo McMahon (2002), a acentuação também influencia na redução vocálica de modo que as vogais não acentuadas geralmente são pronunciadas com a vogal *schwa*. Podemos exemplificar da seguinte forma: a palavra *object* como substantivo no inglês é pronunciada /'ɒbdʒɪkt/, tendo o acento na primeira sílaba e a vogal /'ɒ/, enquanto que como verbo /əb'dʒekt/, ela é pronunciada com o acento na segunda sílaba e com a vogal *schwa*. Desta forma, segundo Machado (1985), a acentuação pode ser relevante para identificação de classes gramaticais, sobretudo nas palavras dissilábicas. A vogal *schwa* muitas vezes está presente nesta distinção como podemos ver abaixo (cf. quadro 2). Se um aprendiz de língua inglesa não distingue a acentuação dessas palavras na sua fala, este vai acabar consequentemente mudando a qualidade vocálica da sílaba não acentuada. De acordo com Kelly (2000, p.68), se você acentuar uma sílaba que contém uma vogal *schwa*, você estará mudando a qualidade sonora desta sílaba e um novo fonema será produzido.

Quadro 2- Contraste entre substantivos/adjetivos e verbos do inglês RP.

Substantivos/Adjetivos		Verbos	
<i>Contract</i>	<i>/ˈkɒntrækt/</i>	<i>Contract</i>	<i>/kənˈtraːst/</i>
<i>Desert</i>	<i>/ˈdezət/</i>	<i>Desert</i>	<i>/dɪˈzɜːt/</i>
<i>Object</i>	<i>/ˈɒbdʒɪkt/</i>	<i>Object</i>	<i>/əbˈdʒekt/</i>
<i>Perfect</i>	<i>/ˈpɜːfɪkt/</i>	<i>Perfect</i>	<i>/pəˈfekt/</i>
<i>Produce</i>	<i>/ˈprɒdʒuːs/</i>	<i>Produce</i>	<i>/prəˈdʒuːs/</i>
<i>Subject</i>	<i>/ˈsʌbdʒɪkt/</i>	<i>Subject</i>	<i>/səbˈdʒekt/</i>

Fonte: Adaptado de Gimson, 1970.

Porém, nem todas as palavras dissilábicas, aponta Gimson (1970), correspondem a esse padrão acentual de distinção entre substantivos/adjetivos e verbos encontrada nas palavras do quadro 2. Palavras como “comment”; “contact” possuem a mesma pronúncia em suas formas substantivo e verbo.

Algumas línguas, segundo McMahon (2002), possuem uma acentuação fixa, ou seja, o acento vai sempre ou quase sempre ocorrer em determinadas sílabas como no caso da língua gaélica escocesa em que o acento principal aparece consistentemente na primeira sílaba. Tanto o inglês quanto o PB possuem uma acentuação livre de modo que acentuação pode acontecer em qualquer um das sílabas, no caso do português algumas sílabas acentuadas recebem acentos gráficos (cf. quadro 3), em outras línguas como no caso do inglês não existe essa distinção gráfica (cf. quadro 2).

Quadro 3- Distinção entre substantivo e verbos por meio de acentuação gráfica no PB.

Substantivos	Verbos
<i>Réplica</i>	<i>Replica</i>
<i>Fábrica</i>	<i>Fabrica</i>
<i>Sábia</i>	<i>Sabia</i>
<i>Dúvida</i>	<i>Duvida</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.4.1 A acentuação nas palavras compostas

Por palavras compostas, entendemos que são palavras formadas por um ou mais raízes diferentes, tendo ou não hífen na grafia. De acordo com Gimson (1970), as palavras compostas podem ter apenas um acento como em *blackmail* /'blækmeɪl/, ou elas podem ter dois acentos, sendo um primário e outro secundário. O secundário é representado pelo símbolo [,] como na palavra *backfire* /,bæk'faɪə/. Em ambos os casos, as vogais se mantêm, de modo que a palavra *backfire* é composta pelas palavras *back* /bæk/ + *fire* /faɪə/.

Em alguns casos, aponta Gimson (1970), em que a segunda palavra não é acentuada, temos uma redução vocálica, e essa palavra passa a ser pronunciada, na maioria das vezes, com a vogal /ə/, como na palavra *policeman* que é derivada das palavras *police* /pə'li:s/ + *man* /mæn/, sendo pronunciada /pə'li:smən/, na qual a vogal /æ/ vira um /ə/. Vejamos mais exemplos de palavras composta dessa natureza no quadro 4. A mudança de vogal em algumas palavras compostas pode confundir muitos aprendizes de língua inglesa, que vão tender a pronunciar a vogal como a qual já estão familiarizados

Quadro 4- A redução vocálica nas palavras compostas no inglês RP.

Palavras		Palavras compostas	
<i>Chair</i> /'tʃeə/	<i>Man</i> /'mæn/	<i>Chairman</i>	/'tʃeə'mæn/
<i>Sauce</i> /'sɔ:s/	<i>Pan</i> /'pæn/	<i>Saucepan</i>	/'sɔ:spæn/
<i>Boat</i> /'bəʊt/	<i>Swain</i> /'sweɪn/	<i>Boatswain</i>	/'bəʊ.sən/
<i>Six</i> /'sɪks/	<i>Pence</i> /'pens/	<i>Sixpence</i>	/'sɪks.pəns/
<i>Cup</i> /'kʌp/	<i>Board</i> /'bɔ:d/	<i>Cupboard</i>	/'kʌbəd/
<i>Break</i> /'breɪk/	<i>Fast</i> /'fɑ:st/	<i>Breakfast</i>	/'brekfəst/

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.5 Alguns estudos envolvendo a vogal *schwa*

1.5.1 Pesquisa realizada por Nascimento e Carvalho (2012)

Nascimento e Carvalho (2012) analisam em sua pesquisa os sons vocálicos das palavras funcionais, em contexto acentuado e não acentuado. A pesquisa tinha duas perguntas de pesquisas: A primeira era se estudantes brasileiros de ILE realizam os sons vocálicos de palavras funcionais produzidas em contexto não acentuado de forma distinta daqueles de palavras funcionais realizadas em contexto acentuado; a segunda era se as características acústicas dos sons vocálicos produzidos em contexto não acentuado apresentam alguma semelhança com a vogal reduzida /ə/, realizada por falantes de inglês como língua materna.

A pesquisa foi realizada com estudantes do sexo feminino, com idades entre 19 e 26 anos, falantes do dialeto cearense de Fortaleza de ILE, pertencentes ao 6º semestre do Núcleo de Línguas de uma instituição de ensino superior situada em Fortaleza-CE, considerado como nível intermediário pela referida instituição. Para coleta dos dados foi desenvolvido um experimento com 20 sentenças com as seguintes palavras funcionais: *as, at, that, but, does, us, could, do, should* e *of*. Destas 20 sentenças, 10 apresentam as palavras funcionais em contexto acentuado e 10 apresentam palavras funcionais em contexto não acentuado.

Os autores concluem que no que se refere às características formânticas (F1 e F2) que somente as palavras funcionais *do, that* e *us* apresentaram diferenças significativas entre as realizações em contexto acentuado e não acentuado. Com relação às características de duração, apenas as palavras *as, does* e *us* apresentaram diferenças não significativas entre as realizações dos dois contextos prosódicos analisados. Segundo os autores, as diferenças sinalizadas demonstram que a vogal reduzida [ə], o alvo na realização de palavras funcionais em contexto não acentuado, ainda não é produzida pelo grupo de estudantes que participaram da pesquisa. Nascimento e Carvalho (2012) afirmam que diante dos resultados os professores de ensino de língua inglesa devem trabalhar de forma mais enfática a produção das palavras funcionais em contextos não acentuados para que os alunos sejam capazes de realizá-las e compreender a importância delas na língua inglesa.

1.5.2 Pesquisa realizada por Bollela (2002)

Bollela (2002) realizou uma pesquisa que visava uma proposta de ensino de pronúncia na língua inglesa tendo como ênfase os processos ritmos de redução vocálica. A vogal *schwa* tem bastante relevância nesse trabalho e tratada em um nível segmental, mas principalmente supragmental.

A pesquisa foi realizada com 11 professores de língua inglesa de uma escola de idiomas da cidade de Franca, São Paulo. Esse grupo de professores foi submetido a um curso “intensivo de Pronúncia da Língua Inglesa”. As aulas tinham duração de duas horas com 10 minutos de intervalo e ocorreram semanalmente durante três meses. Antes do início do curso e após o seu término, foram efetuadas gravações individuais com cada professor. As gravações foram constituídas por meio de cinco instrumentos diferentes sendo eles: a) figuras; b) texto 1; c) contanto uma estória; d) palavras e frases; e) texto 2.

A autora chegou as seguintes conclusões: para uma melhora na produção oral é necessário que o que foi aprendido no curso seja colocado em prática; dos segmentos analisados os que obtiveram melhor porcentagem de desempenho por parte dos alunos, após o curso, foi a produção das “*function words* (22%)” seguida das “*Features of connected speech*” e do *-ed* final, ambos com 20%.

A autora acreditava que ao tomar consciência do papel desempenhado pela vogal *schwa*, praticar sua pronúncia e fazer uma reflexão consciente de sua função no sistema fonológico da LI, o aluno se tornaria capaz de contemplar a pronúncia desse idioma como um todo coerente, passando a perceber a inter-relação entre os segmentos, o acento, o ritmo e a entoação. De acordo com os dados do questionário avaliação do grupo de professores submetidos ao método, constatou-se uma melhora de 90% no desempenho dos docentes; foi considerado que o papel exercido pela redução vocálica (*schwa*) auxilia em 78% no entendimento os aspectos analisados.

1.5.3 As pesquisas realizadas por Marusso (2002) e (2003)

1.5.3.1 Marusso (2002)

A pesquisa de Marusso (2002) foi realizada com três informantes, do sexo feminino, falantes do dialeto mineiro da cidade de Belo Horizonte. O *corpus* consistia de palavras que

apresentavam a vogal /a/ nas três posições possíveis (tônica, pré-tônica, pos-tônica). Os dados foram coletados por meio de dois instrumentos: oração Ave Maria e lista com 18 frases. As gravações foram feitas em um gravador TASCAM 302, em um computador PowerMacintosh 7600 por meio do programa de análise acústica Soundscope.

A análise acústica permitiu caracterizar as variantes de /a/ nas diferentes posições com relação ao acento: Pretônica inicial; pretônica não inicial ; postônica não final; postônica final. Os resultados da pesquisa apontam as postônicas como variantes distintas das pretônicas e tônicas. Também foi constatado a existência de *schwa* como variante de /a/. Porém, a autora supõe que a variante de *schwa* que foi analisada não é exatamente a central, mas uma vogal com qualidade levemente posterior do que a vogal central neutra *schwa*.

1.5.3.2 Marusso (2003)

A pesquisa de Marusso (2003) é dividida em 3 partes: na primeira a autora trata dos aspectos fonéticos do fenômeno estudado, na segunda são tratados dos aspectos fonológicos, e na terceira é feita uma reflexão sobre a relevância da pesquisa e possíveis rumos a serem seguidos com base nessa pesquisa.

A pesquisa tinha como foco caracterizar o *schwa* acusticamente no inglês RP e no PB, comparando o fenômeno de redução vocálica nas duas línguas nos níveis fonético e fonológico. No nível fonético é dada ênfase ao estudo acústico da vogal átona e reduzida *schwa* e no nível fonológico o fenômeno redução vocálica é analisado a luz da Teoria da Otimalidade.

A pesquisa contou com 8 informantes do sexo feminino, sendo 4 falantes nativas do PB e 4 falantes da variante do inglês RP e realizou-se no laboratório de fonética da UFMG, por meio dos equipamentos: DAT (Digital Áudio Tape Corder/Enregistreur) TCD-D8 e um microfone e análise foi feita com o programa PRAAT 4.0.2. ©. Foram usados os mesmo instrumentos tanto para as falantes do PB quando do RP, as frases continha palavras similares nas duas línguas, como nos exemplos usados por Marusso (2003) : Say **cedar** two times. Diga **Cida** duas vezes. Did he say **cedar**? Ele diz **Cida**?

A autora chega a algumas conclusões como o fato de que o *schwa* tanto em PB quanto RP, tem um alvo próprio, que pode ou não ser atingido dependendo do contexto prosódico. A autora também afirma com base nos dados da pesquisa que a qualidade vocálica do *schwa* é similar nas duas línguas, e que assim como o RP, o PB também possui uma variante mais

fechada que ocorre em posição medial e outra variante mais aberta que ocorre em posição final no enunciado.

Todos os autores listados acima tratam do *schwa* com uma perspectiva diferente. Enquanto a pesquisa de Nascimento e Carvalho (2012) trata da vogal *schwa* por meio das palavras funcionais no que diz respeito às “formas fracas”, Bollela (2002) e Marusso (2003) tratam da redução vocálica com foco na vogal *schwa*. Marusso (2003) tem como foco na sua pesquisa as palavras lexicais e faz uma análise contrastiva do *schwa* do PB com o do RP. Bollela (2002) usa em sua análise tanto palavras funcionais como lexicais na redução vocálica tendo como foco o ritmo e o ensino formal desses aspectos. Tanto Bollela (2002) quanto Marusso (2003) consideram tanto os aspectos segmentais como os suprasegmentais, enquanto que Nascimento e Carvalho (2012) focam mais nos suprasegmentais.

Alguns estudos como Bollela (2002) caracterizam a vogal *schwa* como inexistente no PB. Bollela (2002), com base nos estudos de Mateus et al(1990), afirma que o *schwa* ocorre no Português europeu, porém não ocorre no PB. Outros autores como Mascherpe (1970), Marusso (2003) afirmam a existência da vogal *schwa* como variante do /a/ no PB. Marusso (2003) em sua pesquisa descreve e contrasta o *schwa* no PB com a vogal *schwa* no inglês britânico, confirmando sua existência por meio de um estudo acústico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo é destinado a demonstrar o aporte teórico utilizado nesta pesquisa. Está dividido em dois principais momentos: no primeiro trataremos da transferência linguística e suas implicações na aquisição de L2, e em seguida falaremos sobre a sociolinguística, bem como sua relação com a aquisição de L2.

2.1 A transferência linguística

Uma das primeiras tentativas de compreender a complexidade no processo de aquisição de L2 veio do behaviorismo, que acreditava que a aprendizagem se dava por meio de três etapas estímulo>resposta>reforço. Segundo Gass e Selinker (2008), nos anos 1950 e 1960, as linhas de pesquisa tinham como base a noção behaviorista de que ao aprender uma língua estrangeira o aprendiz estaria criando um novo conjunto de hábitos, de modo que os hábitos de sua língua materna influenciariam os da sua língua alvo. Com base nesses pressupostos, surge a hipótese da análise contrastiva.

A análise contrastiva (AC), segundo Gass e Selinker (2008), tem como objetivo a comparação entre os fonemas de duas línguas com o intuito de encontrar possíveis erros causados pela influência da L1 na aquisição de uma L2. Segundo Lado (1967, apud GASS e SELINKER, 2008 p.97), a maior fonte de erros ao aprender uma L2 é causada pela influência da L1, de modo que as estruturas que são similares a L2 vão ser mais fáceis de aprender enquanto que as diferentes serão mais difíceis. O autor ressalta que por meio da AC é possível contar os erros ocorridos ao contrastar a L1 com a L2. Essa influência causada pela L1 é também chamada de interferência ou transferência, podendo ocorrer em diversos aspectos da língua como semântico, fonológico, sintático, etc. Na nossa pesquisa, levantaremos considerações sobre a interferência fonética e na interferência grafo-fonêmica.

Mascherpe (1970) e Steinberg (1986) fizeram uma análise contrastiva do PB com o inglês. Em ambas as pesquisas são descritos os fonemas consonantais e vocálicos de ambas as línguas e os possíveis erros cometidos por aprendizes por influência dos fonemas existentes e inexistentes nas duas línguas, em ambas as pesquisas também podemos encontrar possíveis formas de lidar com os erros ocorridos. Steinberg (1986, p.9) justifica que o conhecimento dos fonemas existentes ou inexistentes e suas ocorrências em ambas as línguas encontradas

através de uma análise contrastiva possibilita o professor de língua estrangeira preparar material didático para o ensino e/ou correção de pronúncia.

A hipótese da análise contrastiva teve seu auge nos anos 1960, porém foi alvo de diversas críticas. Ellis (1994, p.310) aponta que alguns estudos referentes à aprendizagem de língua estrangeira (LE) que aconteceram no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 como Dulay e Burt (1974) e Felix (1980) indicam que a influência da L1 era bem menor do que a afirmada pela AC. O autor afirma que existem diversos motivos para indicar que esses estudos superestimaram o papel da L1. O autor também ressalta que muitos dos erros apontados pela AC não ocorreram e nem todos os erros ocorridos eram causados pela transferência ou interferência da L1.

Zimmer (2003, p.55) afirma que não é fácil distinguir se houve uma transferência positiva ou negativa da L1. Segundo Wode (1978, p.116 apud ZIMMER, 2003), “Somente se a L1 e a L2 tiverem estruturas com semelhança crucial é que ocorrerá o uso do conhecimento prévio da L1”. Segundo Zimmer (2003), autores como Wode (1978), Eckman (1985), Kellerman (1984) tratam da transferência como uma estratégia que os aprendizes recorrem de maneira deliberada, diferenciando se assim da noção de Lado (1957).

De acordo com Gass e Selinker (2008, p.99), embora a AC formulada por Lado (1957) tenha sido alvo de diversas críticas, o papel da L1 merece bastante atenção, porém no desenvolvimento da L2 a influência da L1 é bem mais complexa do que a correspondência 1x1 apontada pela versão inicial da AC e também existem outros fatores que influenciam a aquisição/aprendizagem de L2 como fatores linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos. No subcapítulo 2.2 trataremos considerações sobre a sociolinguística e, em seguida, da sua relação com a aquisição de L2.

A transferência fonética ocorre quando transferimos os aspectos fonéticos da L1 para a L2. Segundo Lado, (1971 apud PAULI 2007), o falante adulto de uma L2 não consegue ouvir facilmente os sons que não sejam os de sua língua nativa, tendo uma tendência a transferir os fonemas da L1 para a língua alvo. Isso explicaria, por exemplo, a tendência de que alguns alunos brasileiros têm de pronunciar os sons /θ/ e /ð/ do inglês como /f/ e /v/ respectivamente.

2.1.1 Língua fonética vs Língua não fonética e a transferência grafo-fonêmica

Para compreendermos a relação escrita e fala é interessante lembrarmos que a fala precede a escrita e que esta é, segundo Gimson (1970), uma tentativa de reproduzir a língua falada em uma forma escrita. O autor aponta que fala na língua inglesa está em constante mudança enquanto que a escrita teve apenas algumas mudanças básicas desde o século XV, levando assim a mais irregularidades no que diz respeito a essa relação pronúncia versus grafia.

Segundo Lorenson, Paper e Napoli (1991), uma das grandes influências nessa irregularidade entre escrita e fala na língua inglesa foi o período chamado “*A grande mudança vocálica*” que ocorreu entre os séculos XV ao XVIII e afetou significativamente a forma como as vogais longas do inglês eram produzidas. Outro fator que também foi bastante influente foi a grande influência da língua francesa no inglês, devido à invasão normanda no ano de 1066.

Algumas línguas, segundo Kelly (2000), possuem um alto nível de correspondência entre a fala e a escrita como o japonês e o italiano, estas são conhecidas como línguas fonéticas. Outras línguas como o inglês, tem uma relação mais complexa entre os sons e a grafia. Segundo Jones (1962), a língua inglesa é bastante irregular nessa relação grafia versus pronúncia. Kenworthy (1987) afirma que a língua inglesa no que diz respeito ao tópico não é tão irregular quanto aparenta ser. Kelly (2000), embora classifique o inglês como língua fonética, enuncia que cerca de 80% das palavras da língua inglesa possuem a forma escrita acordo com padrões regulares. Contudo, todos esses autores Jones (1962), Kenworthy (1962) e Kelly (2000) concordam que a irregularidade entre grafia e pronúncia é causa de dificuldades em aprendizes de língua inglesa, causando assim transferências grafo-fonêmicas.

No caso de alunos que falam o PB, a língua portuguesa é bem mais regular que o inglês no quesito correspondência letra versus pronúncia e ambas as línguas usam o alfabeto latino. Por exemplo, a vogal “a” no PB brasileiro pode ser pronunciada de acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) das seguintes formas [a], [ɐ], [ẽ], embora possam existir mais alofones derivados do fonema /a/, a letra “a” não será pronunciada com base em um outro fonema no PB. No inglês a letra “a” bem como outras letras pode ser pronunciada tendo como base diversos fonemas, como o “a” em *village* /'vɪl·ɪdʒ/” pronunciado com a vogal /ɪ/; *age* /eɪdʒ/” pronunciado com o ditongo /eɪ/; *call* /kɔ:l/” pronunciado com a vogal

longa /ɔ:/; dentre outras possibilidades. O aprendiz que não tem essa consciência fonológica e não conhece essas palavras vai tender a pronunciá-las com o fonema /a/, pois este é o fonema usada em sua língua para pronunciar aquela letra. Segundo Mascherpe (1970), os alunos tendem a usar os fonemas da sua própria língua como base para pronunciar palavras na língua estudada.

Os fonemas da língua inglesa podem corresponder às diversas letras do alfabeto. A vogal estudada nesta pesquisa o *schwa* pode ocorrer em todas vogais escritas (cf. quadro 5). Isso pode vir a causar problemas na hora de produzir palavras com a vogal *schwa*, sobretudo, na leitura de novas palavras, pois, segundo Zimmer (2003, p.61), não é apenas a diferença entre sistemas fonológicos que causar a transferência de uma língua para outra, mas também os princípios alfabéticos de ambas as línguas. Deste modo alguns problemas de pronúncia podem ser causados por uma transferência grafo- fonêmica, ou seja, da escrita para a pronúncia.

Quadro 5- Ocorrência do fonema *schwa* nas vogais gráficas da língua inglesa.

Grafia	Ocorrências nas vogais gráficas
A	Amazing
E	Shaken
I	Policy
O	Occupy
U	Support

Dessa forma, a consciência fonética de que há uma grande diferença entre a escrita e a fala é essencial para uma boa pronúncia ao aprender a língua inglesa. Essa consciência fonética pode ser adquirida pela prática e convívio com a língua ou de uma forma explícita. No curso de Letras-Inglês, disciplinas de fonética e fonologia podem ser uma forma de trazer para o consciente dos futuros professores essas questões relacionadas com a pronúncia.

2.2 A sociolinguística variacionista

Antes do surgimento da sociolinguística houve dois principais movimentos linguísticos. O estruturalismo que tinha como principal teórico o linguista Saussure que, em sua obra póstuma “Curso de Linguística Geral”, considerava que a linguística tinha como único e verdadeiro objetivo o estudo da língua em si mesma e por ela mesma, desta forma Saussure não considerava a influência dos fatores externos relacionados à língua. Na década 1960, através da obra de Noam Chomsky, o gerativismo ganhou destaque. Nesta corrente, a língua é concebida como sistema de regras universais que é um conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a língua é inata à espécie humana.

Segundo Tarallo (2008), a corrente sociolinguística, tendo como seu principal expoente o americano William Labov, surge na década de 1960 como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativista. Ainda segundo Tarallo (2008), foi Labov quem mais insistiu na relação língua e sociedade e na possibilidade virtual e real de sistematizar a variação existente da própria língua falada, de modo que a sociolinguística tem como principal aspecto essa relação entre língua e sociedade. Segundo Mollica(2015 p.9), “a sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

De acordo com Cezario e Votre (2015), a sociolinguística variacionista tem como princípio o fato de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por esta razão, devem ser levadas em conta na análise linguística. Um dos objetivos da sociolinguística variacionista, segundo os autores, é justamente compreender quais fatores geram a variação linguística e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta a variável. A mudança linguística se refere às evoluções/mudanças de uma língua ao longo do tempo, desta forma ela é diacrônica, enquanto que a variação linguística é de natureza sincrônica, ou seja, está em constante mudança.

As variantes linguísticas, segundo Tarallo (2008, p.8), “são as diversas formas de maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. Por exemplo, a pronúncia do *schwa* em uma palavra como *robbery* pode ser omitida, deste modo teríamos duas

variantes linguísticas em um nível fonético, sendo a primeira a presença do fonema /ə/ e a segunda sua ausência na pronúncia.

As variáveis linguísticas são subdivididas em duas categorias, as variáveis dependentes e independentes. Segundo Mollica (2015, p.11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (variáveis independentes de natureza social ou estrutural).”. A autora cita como exemplo a concordância entre verbo e sujeito como sendo a variante dependente em uma pesquisa. Quanto às variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser divididos entre de natureza interna ou externa à língua. As variáveis de natureza interna seriam fatores da própria língua como a tonicidade, contexto fonológico antecedente ou procedente entre outros. Enquanto que as de natureza externas englobam fatores como idade, nível de escolaridade, gênero, etc. De acordo com Mollica (2015), o papel da sociolinguística é investigar o grau de instabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticando quais variáveis tem efeito positivo e negativo.

2.3 A sociolinguística e aquisição de L2

Ao falarmos em aquisição de L2 estamos falando de um estudo que busca compreender como uma L2 é aprendida e os fatores que envolvem esse processo. Segundo Gass e Selinker (2008, p.1-2), os estudos em aquisição de L2 levantam e tentam responder diversas questões como a influência da língua materna na aquisição; se existem padrões comuns entre os aprendizes; se existem diferenças individuais nesse processo; dentre outras. Os autores argumentam que devido a essa grande variedade de fatores, a aquisição de L2 impacta e motiva diversas áreas de estudo tais como a linguística, psicologia, psicolinguística, sociologia, sociolinguística dentre outras.

De acordo com Gass e Selinker (2008, p.266), uma das primeiras pesquisas que levou em consideração o papel dos fatores sociais na aquisição de L2 foi à pesquisa de Schmidt (1997) que buscava investigar os sons /θ/ e /ð/ na fala de dois grupos árabes do Cairo. Schmidt (1997) através desse estudo conclui que os fatores sociais que influenciariam o uso mais recorrente de um dos fonemas foi o grau de prestígio e formalidade que distinguia os dois grupos estudados. Outros estudos também foram feitos com esta interface como Beebe (1980), Tarone e Parrish (1988) dentre outros.

Segundo Tarone (2007), os autores Firth e Wagner (1997) argumentavam que os estudos referentes à aquisição de L2 estavam sendo muito dominados por um foco apenas psicolinguístico, desta forma os autores buscavam um foco sociolinguístico que estabelecesse uma interface entre o fator social e o cognitivo, porém Tarone (2007) afirma que uma abordagem sociolinguística vai além do proposto por Firth e Wagner (1997):

Uma abordagem sociolinguística traça um longo caminho para estabelecer o equilíbrio entre o cognitivo e o social que Firth e Wagner tratavam em seus estudos. Contudo, uma abordagem sociolinguística também acrescenta algo que a abordagem de Firth e Wagner arriscou perder, que era um foco nos resultados linguísticos do processo da aquisição de L2. (TARONE, 2007, p.837, tradução nossa).¹

Tarone (2007) também afirma que a abordagem sociolinguística nos permitiu compreender o impacto dos fatores sociais nos processos cognitivos e como isso resulta na aquisição de um novo sistema linguístico.

No que se refere a pesquisas sociolinguísticas variacionistas, Bayley (2005, p.134) aponta que alguns estudos foram feitos com essa perspectiva nos anos 1970 e início dos anos 1980 como Dickerson (1975) e Adamson e Kovac (1981). Dickerson (1975) examinou os efeitos de diferentes ambientes fonológicos na pronúncia dos fonemas /l/ e /r/. Adamson e Kovac (1981) reanalisaram os dados de Schumaan (1978) sobre aquisição de L2.

No Brasil, vários estudos como Frago (2010), Gomes (2014), Lima (2014) vêm sendo feitos com base nessa interface sociolinguística e aquisição de L2. Gomes (2014, p.46) afirma que ao unirmos a sociolinguística com estudos em aprendizagem de línguas podemos ter uma contribuição importante para compreendermos o processo de aprendizagem de uma L2. Bayley (2005, p. 3-4, apud LIMA (2014, p.48) aponta quatro benefícios para o uso da pesquisa sociolinguística variacionista sendo eles: 1) a variação linguística oferece uma forma objetiva de se estudar a transferência linguística; 2) por meio de análises detalhadas de variantes produzidas em comunidades oferece uma visão realista do funcionamento de línguas alvo; 3) A análise variacionista proporciona um meio de testes se a aquisição de uma L2 envolve um processo de repetida reestruturação, como sugerem Huebner (1983) e outros, ou se procede, gradualmente, ao longo de um contínuo multidimensional; 4) analisa a aquisição

1

A sociolinguistic approach goes a long way toward establishing the balance between the cognitive and the social that Firth and Wagner called for. However, a sociolinguistic approach also adds something that Firth and Wagner's approach risks losing—a focus on the linguistic outcomes of the process (Tarone, 2007).

de padrões de variabilidade da língua alvo oferecendo *insights* sobre o processo pelo qual os aprendizes podem caminhar para além do estilo formal que caracteriza a maioria das instruções de sala de aula.

2.3.1 A interlíngua

O conceito de interlíngua é introduzido pela primeira vez por Selinker. Segundo Selinker (1972, apud ROCHA e ROBLES 2017, p.644), o modelo da interlíngua inicialmente pertence à análise contrastiva, sendo a interlíngua entendida como um sistema que ocorre em uma etapa intermediária suscetível de modificações e reestruturações do *input* do aprendiz. De acordo com Gass e Selinker (2008,) a interlíngua é definida da seguinte forma:

O pressuposto básico na pesquisa de aquisição de L2 é que os alunos criam um sistema de linguagem, conhecido como interlíngua. Esse conceito considera a fala dos aprendizes, não como um sistema de déficit, ou seja, uma linguagem cheia de erros aleatórios, mas como um sistema próprio com sua própria estrutura. Este sistema é composto de inúmeros elementos, esses elementos não tem origem apenas na língua materna e/ou na língua alvo.²
Gass e Selinker (2008, p.14, tradução nossa)

Desta forma, de acordo com os autores, a interlíngua é o sistema linguístico criado pelos aprendizes no processo de aquisição de uma língua que é composto por elementos da língua materna e da língua alvo. Ainda segundo Gass e Selinker (2008), existem elementos na interlíngua que não tem origem nem na língua materna nem na língua alvo. A sociolinguística por meio de pesquisas como Dickerson (1975) ou Bayley (1996) busca encontrar esses outros fatores que podem influenciar a interlíngua.

Dickerson (1975, apud BAYLEY, 2005, p.134) analisou os efeitos de diferentes contextos fonológicos na pronúncia dos fonemas /l/ e /r/ por japoneses alunos de inglês. A autora argumentava que a interlíngua consistia de um sistema de “regras” variáveis e buscava compreender a sistematicidade nas variáveis na produção do aprendiz. Segundo Dickerson (1975, p.402 apud Fragoso, 2010, p.51-52), “ao contrário de modelos como a Análise Contrastiva, a sociolinguística é capaz de demonstrar a regularidade da variação na

²The basic assumption in SLA research is that learners create a language system, known as an interlanguage (IL). This concept validates learners' speech, not as a deficit system, that is, a language filled with random errors, but as a system of its own with its own structure. This system is composed of numerous elements, not the least of which are elements from the NL and the TL.

interlíngua, assim como Labov (1972) o fez com relação à LM”. Porém, Fragoso (2010, p.51) aponta que mesmo em uma análise contrastiva é possível considerar fatores sociolinguísticos, a autora cita como exemplo a pesquisa de Sant’Anna (2003) que mesmo tendo uma análise com base nos “erros” cometidos pelos alunos à autora considera os graus de registro e os fatores extralinguísticos.

Bayley (2005, p.134-135) aponta que existe um mal entendido por parte algumas pesquisas que estudaram a variação da interlíngua como nos estudos de Beebe (1997), Selinker e Douglas (1985), que buscavam uma única explicação abrangente para explicação da variação na interlíngua. Bayley (2005) afirma que a variação na interlíngua não é influenciada por apenas uns fatores específicos, mas por múltiplos contextos, deste modo a pesquisa variacionista adota o termo chamado de princípio das causas múltiplas usado por Young e Bayley (1996). Ainda segundo Bayley (2005), tentar explicar a variação na interlíngua por meio de um único fator é o mesmo que ignorar as complexidades do processo de aquisição de L2.

3. METODOLOGIA

Este capítulo é destinado a apresentar os procedimentos metodológicos utilizados na investigação da ocorrência do *schwa* nas palavras lexicais, tendo como aporte teórico a sociolinguística variacionista e os estudos de aquisição em L2.

A investigação foi do tipo pesquisa de campo, realizada de forma transversal. A pesquisa tem como forma de abordagem um foco quantitativo e qualitativo. Para a coleta dos dados foram selecionados informantes adultos do curso de Letras- Inglês. Para investigação dos dados foi feita uma análise de oitiva.

3.1 Participantes e variáveis extralinguística controladas

Realizamos a aplicação da pesquisa com vinte e seis informantes, porém apenas vinte e quatro constituem o nosso *corpus*. Os dois não selecionados foram o piloto, pois era apenas uma forma de teste e os instrumentos ainda não estavam completos, e o segundo informou uma quantidade de anos de estudo na língua inglesa que não se enquadrava ao seu nível de proficiência de acordo com os padrões da pesquisa, então não analisamos os dados desses dois informantes. Todos os informantes eram adultos alunos do curso de Letras-Inglês da UFPB e residentes da cidade de João Pessoa.

As variáveis linguísticas externas selecionadas para a pesquisa foram: nível de proficiência na língua inglesa, consciência fonológica e gênero.

3.1.1 Proficiência na língua inglesa

Os vinte e quatro participantes foram divididos em três níveis de proficiência: básico, intermediário e avançado, sendo oito participantes do nível básico. Dos oito, nenhum possuía algum teste de nivelamento comprovando seu nível, e todos afirmaram estudar inglês formalmente por aproximadamente um ano. Os alunos do nível básico não cursaram a disciplina de fonética e não serão levados em consideração na variável consciência fonológica.

Oito dos vinte e quatro tinham nível intermediário, desses oito, cinco afirmaram ter seu nível comprovado por testes de nivelamentos recentes, e três não possuíam nenhum tipo

de teste de nivelamento. Todos afirmaram ter uma média de estudos formais na língua inglesa de aproximadamente quatro anos. Desses oito quatro cursaram a disciplina de fonética e fonologia e quatro não cursaram.

Dos vinte e quatro, oito tinham nível de proficiência avançado e todos afirmaram ter seu nível comprovado por testes como TOEFL ITP e CPE. Todos os oito possuíam mais de sete anos de estudo na língua inglesa. Desses oito quatro cursaram a disciplina de fonética e fonologia e quatro não cursaram.

3.1.2 Consciência fonológica explícita

Para esta variável usamos as duas disciplinas de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa da UFPB, a qual faz parte da grade do curso de Letras-Inglês. Acreditamos que os alunos que cursaram a disciplina de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa terão uma consciência fonológica maior e provavelmente teremos uma ocorrência maior do *schwa*. Dos vinte e quatro alunos selecionados, oito cursaram a disciplina de fonética e fonologia da língua inglesa enquanto que doze não cursaram, porém os oito alunos do nível básico não farão parte dessa comparação, tendo em vista que não encontramos alunos do nível básico que atendessem aos requisitos. Dessa forma, a comparação entre consciência fonológica explícita é destinada aos informantes dos níveis intermediários e avançados.

3.1.3 Gênero

Dividimos os participantes entre os gêneros masculino e feminino, sendo doze do gênero masculino e doze do gênero feminino. Os participantes também foram divididos igualmente nas outras duas variáveis extralinguísticas: consciência fonética e níveis de proficiência.

3.2 Coleta e Análise dos dados

Primeiramente, antes da coleta dos dados os alunos foram informados de como a pesquisa aconteceria e os instrumentos utilizados, sem muitos detalhes, somente após a pesquisa os participantes assinaram ao termo de consentimento (Apêndice A) que contém

informações claras sobre a pesquisa e ao que os alunos estariam se submetendo, de modo que os alunos não prestassem demasiadamente atenção à fala ou ao fonema estudado. Segundo Mollica (2015, p. 118), poderia tornar a pesquisa enviesada, pois os informantes poderiam tentar corrigir aquele fenômeno específico de alguma forma. A coleta dos dados foi feita por meio de gravações com os participantes, realizadas por meio de um aparelho celular *SAMSUNG DUOS*, em salas da UFPB.

3.2.1 Instrumentos

Para realização da pesquisa, elaboramos e utilizamos dois instrumentos, o primeiro consistisse de dez frases (Apêndice B) retiradas dos dicionários online: *Oxford Advanced Learner's Dictionary* e do *Cambridge Dictionary*. Na realização desse primeiro instrumento os alunos leram essas dez frases. Todos os participantes foram informados que as frases deveriam ter uma pausa maior do que a normal entre uma e outra, de modo que estas não fossem lidas como uma sequência ou lista.

Para o segundo instrumento, elaboramos algo um pouco mais próximo de uma fala natural, os alunos eram informados que seriam submetidos a uma gravação de aproximadamente 40 segundos a 1 minuto e meio. Nessa gravação não era tão importante o que os alunos falassem, pois o ideal era que eles ficassem o mais confortável possível. Sugerimos que fosse uma narrativa de experiência pessoal, algo que aconteceu ou marcou o informante. Nas narrativas de experiência pessoal, segundo Tarallo (2008, p.22), “o informante está tão envolvido emocionalmente com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*.”. Porém, na nossa pesquisa lidamos com alunos de diferentes níveis de proficiência, deste modo elaboramos um roteiro de sugestões de tópicos para este segundo instrumento (Apêndice C), mas enfatizamos o fato de que eram apenas sugestões.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

O presente capítulo é destinado à análise do *corpus* coletado para a pesquisa, estando dividido em duas principais partes. Na primeira, faremos um levantamento quantitativo e qualitativo da ocorrência/substituição da vogal *schwa* levando em consideração as variáveis extralinguísticas controladas. Na segunda, mostraremos os possíveis casos de transferência linguística. Em ambas as partes, faremos levantamento de acordo com os grupos de variáveis controladas. Os resultados individuais encontrados foram mantidos isolados (Apêndice D).

Para a análise dos dados transferimos os dados do celular para um notebook *SAMSUNG*, de modo a facilitar e aumentar a qualidade dos áudios. A análise foi realizada em uma sala da UFPB. As ocorrências de *schwas* foram transcritas (Apêndice E) e posteriormente calculadas em porcentagens.

4.1 Instrumentos utilizados

Tabela 1- Comparação entre os instrumentos utilizados

Instrumentos	Número total de <i>schwas</i>	Substituição do <i>schwa</i> por outro fonema	Total de <i>schwas</i> pronunciados e/ou elisão
Instrumento I	720	319	401 = 55,7%
Instrumento II	154	22	132 = 85,7%

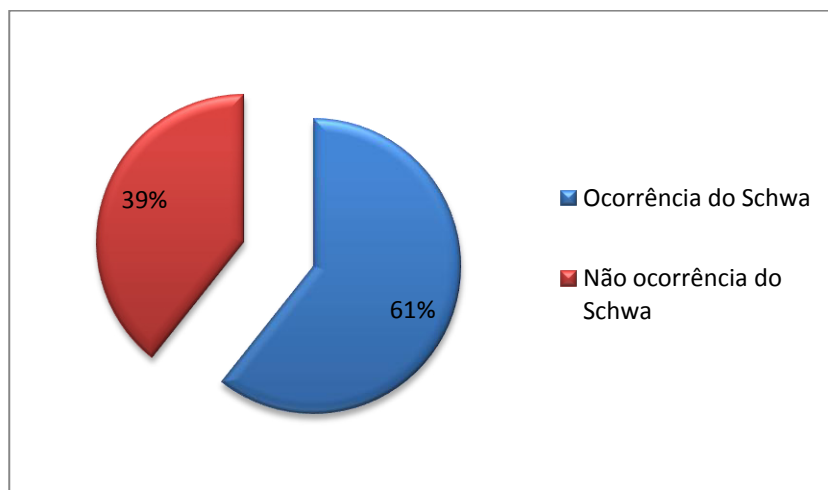
Como podemos ver nos dados acima, o número de ocorrência foi maior no instrumento II, que seria algo mais próximo de uma fala natural. Possivelmente porque as palavras usadas foram mais “simples” e parte integrante do vocabulário de cada informante. No instrumento I, os alunos leram um lista de frases com palavras selecionadas que continham a vogal *schwa*, o que pode ter facilitado para alguns alunos ou dificultado para outros na hora de pronuncia-las. Não podemos comparar restritamente os dois instrumentos, tendo em vista que, eles não possuem palavras em comum. Ambos os instrumentos possuem

suas vantagens e desvantagens, a soma dos dois nos levou aos dados que serão mostrados nesse capítulo.

4.2 Ocorrência geral do *schwa*

O valor total de possíveis ocorrências da vogal *schwa*, da soma dos dois instrumentos foi de 872, dos quais 529 foram pronunciados com alguns poucos casos de elisão, enquanto que houve 343 não ocorrências da vogal *schwa*, consideramos como não ocorrência apenas as substituições do fonema estudado por algum outro fonema. Vejamos o gráfico 1.

Gráfico 1- Ocorrência geral do *schwa*



Os dados nos mostram que muitas vezes a vogal *schwa* é substituída por outros fonemas, sendo assim uma possível dificuldade de aprendizes de língua inglesa. Isso pode ser um indício de que essa vogal não recebe a atenção merecida pelos aprendizes e possivelmente por alguns professores, muitos dos aprendizes nem mesmo têm consciência da sua existência, como afirmado por 10 dos 24 participantes após a aplicação da pesquisa. As causas dessa não ocorrência/ou substituições podem ser diversas, dentre elas podemos citar a transferência linguística. A ocorrência também pode variar dependendo dos grupos de aprendizes. A seguir vejamos as variáveis controladas em nossa pesquisa, assim teremos uma visão mais ampla da ocorrência dessa vogal na fala de aprendizes da língua inglesa.

4.3 Variáveis extralinguísticas controladas

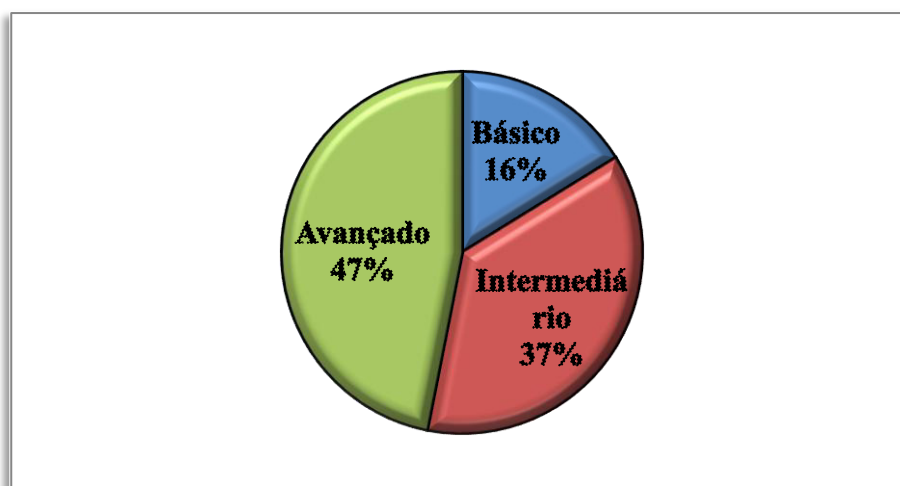
Neste subcapítulo apresentaremos as três variáveis extralinguísticas controladas, sendo elas: 4.1.1 *Nível de proficiência na língua inglesa*, 4.1.2 *Consciência fonológica explícita* e 4.1.3 *Gênero*.

4.3.1 Nível de proficiência na língua inglesa

A primeira variável que selecionamos foi o nível de proficiência na língua inglesa, dividimos os alunos em três grandes grupos: Básico, Intermediário e Avançado. Segundo Bayley (2005), estudos como Bayley (2004) e Young (1991) mostram que o nível de proficiência na língua influencia alguns fenômenos na aquisição de L2.

Em nossa hipótese acreditamos que o nível de proficiência iria influenciar a ocorrência do fenômeno estudado. Deste modo, quanto maior o nível de proficiência do informante na L2, maiores serão as chances da realização da vogal *schwa*, e consequentemente quanto menor o nível de proficiência menor será a ocorrência da vogal.

Gráfico 2- Ocorrência do *schwa* pelos níveis de proficiência



Esse cálculo dos dados foi feito com base nos valores totais das porcentagens individuais (Apêndice D) somados dos dois grupos de nível avançado e intermediário, e do grupo de informantes de nível básico.

Os dados do gráfico 2 mostram que os índices de ocorrência da vogal *schwa* aumentaram de acordo com o nível de proficiência dos informantes. De modo geral, pudemos notar que a vogal *schwa* foi bem menos recorrente no nível básico, totalizando 16% quando comparada com os outros dois níveis. Dessa forma, os informantes fizeram muitas substituições do fonema em questão por outros fonemas. Nos níveis intermediário e avançado as ocorrências tiveram uma melhoria de aproximadamente 50% se comparado com os valores do nível básico. Ao compararmos os níveis avançado e intermediário também tivemos uma melhoria na ocorrência do fonema estudado, não tão discrepante quanto com o nível básico, mas com proporções significativas. À vista disso, comprovamos nossa hipótese de que o nível de proficiência na L2 é uma variável que influencia a ocorrência da vogal *schwa*.

Acreditamos que a proficiência tenha tido essa influência, pois os fatores tempo de estudo e prática podem ser fundamentais para a percepção de um fonema específico. O *schwa* possui um alto índice de ocorrência na língua inglesa, facilitando assim o método de aprendizagem nomeado por Jones (1962) de *ear-training* no qual o aprendiz adquire a percepção da qualidade acústica de um fonema vocálico com o tempo, através da prática da escuta e pronúncia desse fonema.

4.3.2 Consciência fonológica explícita

Entendemos consciência fonológica “como um conhecimento a respeito das unidades fonéticas que compõem os segmentos da língua e da maneira como tais se organizam” (Lamprecht, 2009, p.33 apud ROSSA, 2016, p.17). Dessa forma, ter consciência fonológica é ter a capacidade de segmentar de forma consciente os aspectos da fala em unidades menores como as sílabas e fonemas, no nosso caso específico um fonema da língua inglesa.

A consciência fonética pode ocorrer de uma forma implícita, ou seja, inconscientemente o aluno pode dominar um aspecto fonológico da L1 ou L2. Mas também de forma explícita, por meio de alguma forma de ensino/aprendizagem consciente o aluno passa a praticar e posteriormente dominar um determinado aspecto da L1 ou L2. Em nossa pesquisa os alunos que cursaram a disciplina de fonética e fonologia da língua inglesa são os informantes com essa consciência fonológica explícita. Acreditamos que a ocorrência do *schwa* vai ser mais recorrente nos alunos que possuem consciência fonológica explícita do que nos demais alunos. Dividimos os informantes dos níveis intermediários e avançados em dois grupos: Com consciência fonológica explícita e sem consciência fonológica explícita.

Tabela 2- Comparação da ocorrência do *schwa* referente a consciência fonológica explícita dos informantes

Proficiência e Consciência fonológica	Numero total de possíveis <i>schwas</i>	Substituição do <i>schwa</i> por outro fonema	Total de <i>schwas</i> pronunciados e/ou elisão
Avançado com consciência fonológica explícita	160	25	135 = 84,4%
Avançado sem consciência fonológica explícita	157	27	130= 82,8%
Intermediário com consciência fonológica explícita	144	37	107=74,3%
Intermediário sem consciência fonológica explícita	149	64	85=57%

Ao analisarmos a tabela acima, podemos verificar que a ocorrência da vogal *schwa* foi maior nos grupos esperados. No nível avançado, temos o grupo dos informantes com consciência fonética com 1,6% mais ocorrências do que o outro grupo, porém acreditamos que esses números não sejam determinantes, pois é um numero relativamente pequeno. Esses valores podem demonstrar que ao longo dos anos a consciência fonológica implícita dos alunos aumenta, de modo que a pronúncia da vogal *schwa* passa a ser parte integrante do conhecimento dos aprendizes de nível avançado na língua inglesa independentemente de terem tido acesso a disciplinas de fonética e fonologia.

No nível intermediário, o grupo de informantes que possuía consciência fonológica teve uma ocorrência de 17,3 % a mais que o grupo que não possuía consciência fonológica explícita. Um fato que chamou atenção nos estudantes com consciência fonológica foi a presença da autocorreção, por exemplo, o participante 10 ao pronunciar a palavra *occur*

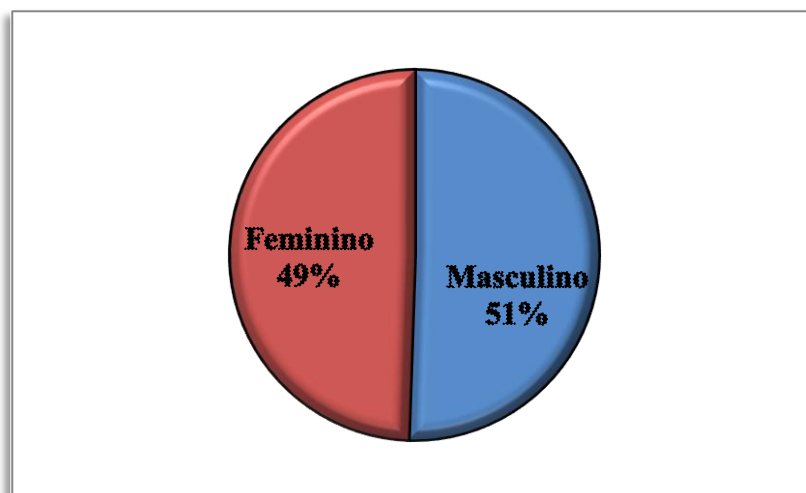
/ə'kɜ:r/ da frase 4 do instrumento I, primeiramente, fez uso do fonema /ɔ/, contudo em seguida pronunciou a palavra novamente com a vogal *schwa* em seu devido local. Por meio dos dados apresentados, fica evidente a confirmação da nossa hipótese de que a consciência fonética pode influenciar a ocorrência do *schwa* nos aprendizes de língua inglesa.

É interessante ressaltar que o nosso público alvo foram os alunos do curso de Letras Inglês que serão futuros professores. Ter consciência da existência de um fonema tão característico da língua inglesa pode ajudar ao professor trazer para o consciente dos alunos a existência e importância desse fonema. Por meio da variável extralinguística consciência fonológica explícita podemos dizer que as disciplinas de fonética e fonologia podem ter um papel fundamental na formação do professor, trazendo para o consciente desses futuros professores aspectos fonéticos ou fonológicos da língua inglesa como a vogal *schwa*.

4.3.3 Gênero

A terceira variável que selecionamos foi a variável gênero. Dividimos metade dos participantes dos diferentes níveis de proficiência e metade dos participantes com/sem consciência fonológica em dois subgrupos: Masculino e Feminino. Acreditávamos, por especulação social, que a ocorrência da vogal *schwa* seria maior no grupo de informantes do sexo feminino, Vejamos no gráfico abaixo os resultados.

Gráfico 3- Ocorrência do schwa na variável gênero



Os dados do gráfico 3 mostram justamente o oposto da nossa hipótese de que a ocorrência da vogal *schwa* seria mais frequente nas informantes do sexo feminino. Porém, os valores não têm números tão altos para serem tão significativos, e também houve oscilações entre os valores individuais (Ver. Apêndice D), de modo que, em alguns dos grupos o *schwa* foi mais recorrente nos informantes do sexo feminino, enquanto que na maioria este foi mais recorrente nos informantes do grupo masculino.

4.4 Algumas considerações sobre a transfência linguística

A transferência linguística ocorre quando transferimos algum aspecto da L1 para a língua alvo, podendo ser uma transfência positiva ou negativa/interferência. Em nossa pesquisa nos deparamos com um vasto número de substituições da vogal *schwa* por outros fonemas.

Um dos casos mais frequentes de substituição do *schwa* aconteceu nas 3 palavras compostas utilizadas no instrumento I: *policeman* /pə'li:s.mən/, *cupboard* /'kʌb.əd/ e *breakfast* /'brek.fəst/. Dessas 3 palavras, a palavra *policeman* foi pronunciada com a vogal *schwa* na sílaba “man” por apenas quatro dos vinte e quatro informantes, os demais substituíram o /ə/ pelas vogais /æ/ ou /e/, é importante lembrar que a variante *policeman* /pə'li:s.men/ é considerada padrão no plural dessa palavra. A palavra *breakfast* foi pronunciada com a vogal *schwa* na sílaba “fast” por apenas dois dos vinte e quatro informantes, os demais substituíram o /ə/ pelas vogais /æ/ ou /e/. Enquanto que a palavra *cupboard* foi pronunciada com a vogal *schwa* por apenas um informante, os demais substituíram o /ə/ em “board” pelas vogais /ɔ/, /ɒ/ ou /o/.

Segundo Machado (1985), a familiaridade ou frequência de uso de algumas palavras favorecem a redução vocálica no inglês RP, desta forma palavras como *England*, *Finland* e *milkman* são pronunciadas com o *schwa* na segunda sílaba, enquanto que palavras como *Thailand* e *Snowman* não são pronunciadas com o *schwa* na segunda sílaba. No nosso caso, a familiaridade com as palavras e frequência de uso, provavelmente favoreceram a não ocorrência do *schwa* por falantes brasileiros nas palavras compostas *policeman*, *cupboard* e *breakfast*. Acreditamos que neste caso, a maior influência foi da própria língua alvo para a língua alvo, pois os alunos tenderam a pronunciar as palavras compostas com os fonemas das palavras não compostas que eles já estavam habituados a pronunciar.

Com relação à influência da língua materna na língua alvo, esta foi mais predominante nos aprendizes de nível básico, de modo geral, os informantes substituíram a vogal *schwa* pelas seguintes vogais: /ɔ/, /e/ /u/ /o/ que podem ser encontradas no sistema vocálico da língua portuguesa. Autores como Mascherpe (1970) e Steinberg (1986) defendem que os alunos tendem a usar os fonemas da sua língua materna na língua alvo, deste modo o desconhecimento do *schwa* em algumas palavras pode ter levado a uma substituição desse por fonemas do próprio sistema vocálico do aprendiz.

A influência da língua materna na língua alvo também pode ter ocorrido por influência da escrita para a pronúncia, de modo que as vogais gráficas foram comumente substituídas por suas semelhantes na fala. A vogal “a” foi pronunciada na maioria dos casos de substituição como /a/ na palavra “pássaro” em português, exceto em três casos específicos no qual os participantes 17, 18, 20 e 22 pronunciaram o “a” como a vogal /ɒ/ encontrada na palavra “hot” na língua inglesa. A vogal gráfica “e” foi pronunciada em todos os casos de substituição com a vogal /e/. A vogal “o” foi pronunciada de três principais formas: /ɔ/ como em “ódio” e como em “board” /ɔ:/ em inglês, sendo mais longa e mais aberta /ɔ:/; /o/ como em “cantor”; e /ɒ/ como em “hot” na língua inglesa. A vogal “u” foi pronunciada de três formas: “u” como em “uva”; /ʊ/ como em “pato” e como em “bull” sendo mais curta, em um caso específico o participante 17 pronunciou “measure” com a vogal /u:/ encontrada na palavra “boot”. A vogal gráfica “i” não foi considerada, pois não a incluímos ela no instrumento I, por ser muito passível de variações linguísticas aceitáveis entre o *schwa* e os fonema correspondente /i/. Embora tenhamos feito esses levantamentos de dados detalhados das substituições das vogais, a pesquisa foi limitada a uma análise oitiva, uma análise acústica dessas substituições poderia apontar com mais eficácia e credibilidade os fonemas substituídos.

Outro fator que também chamou nossa atenção foi a tonicidade. Como vimos a vogal *schwa* não é acentuada na língua inglesa, e a acentuação da mesma causa uma mudança vocálica. Na nossa pesquisa pudemos verificar isso, pois em todos os casos em que a sílaba onde ocorreria o *schwa* foi acentuada, houve uma substituição desse fonema por outro fonema, vindo de encontro ao que Kenworthy (1987), Kelly (2000) ressaltam sobre a não acentuação da vogal *schwa* na língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo quantificar e analisar a ocorrência/não ocorrência da vogal *schwa* em palavras lexicais por aprendizes de língua inglesa da cidade de João Pessoa. E como objetivos específicos verificar quais variáveis extralinguísticas influenciariam essa ocorrência. Também argumentamos possíveis casos de transferência linguística.

Em nossa análise ficou constatado que 39% dos possíveis *schwas* encontrados nos dois instrumentos foram substituídos por outros fonemas da língua materna ou da língua alvo. Dessa forma, temos que a vogal *schwa* muitas vezes não está presente na fala dos estudantes de Letras-Inglês da UFPB. No entanto, por meio de valores por grupos de variáveis extralinguísticas tivemos uma visão mais ampla de quais desses alunos tem o maior domínio desse fonema na língua inglesa.

Por meio dos dados coletados e analisados ficou comprovada nossa hipótese de que quanto maior o nível de proficiência maior seria a ocorrência da vogal *schwa*. O grupo de estudantes de nível avançado teve o mais alto índice de ocorrência da vogal *schwa* totalizando em 47% quando comparado com os demais níveis de proficiência. O grupo de estudantes de nível intermediário totalizou um 37% na comparação com outros níveis. Enquanto que o grupo de estudantes do nível básico totalizou um valor de 16% ,sendo dessa forma, o grupo com menor índice de ocorrência.

Nossa segunda hipótese dizia respeito à consciência fonológica explícita. Comprovamos por meio dos dados e análise que os grupos que tiveram o maior índice de ocorrência da vogal *schwa* foram os que possuem a consciência fonológica explícita, no entanto os valores dos grupos de nível avançado são similares e podem não serem precisos devido às limitações da pesquisa. O grupo de estudantes de nível avançado com consciência fonológica obteve um índice de ocorrência do fonema estudado de 84,4%, enquanto que o grupo de estudantes de nível avançado sem consciência fonológica teve um índice de ocorrência de 82,8%. Dos grupos de estudantes de nível intermediário, os que possuíam consciência fonológica tiveram uma ocorrência de 74,3%, enquanto que o grupo sem consciência fonológica explícita obteve um índice de ocorrência de 57%.

E interessante ressaltar que o nosso público alvo foram os alunos do curso de Letras - Inglês que serão futuros professores. Ter consciência da existência de um fonema tão

característico da língua inglesa pode ajudar ao professor trazer para o consciente dos alunos a existência e importância desse fonema. Por meio da variável extralinguística consciência fonológica explícita, podemos ressaltar que as disciplinas de Fonética e Fonologia do curso de Letras-Inglês da UFPB podem ter um papel fundamental na formação do professor, trazendo para o consciente desses futuros professores aspectos fonéticos ou fonológicos característicos da língua inglesa como a vogal *schwa*.

Nossa terceira hipótese, dizia respeito à variável extralinguística gênero. Não conseguimos comprovar essa hipótese, acreditávamos que grupo de estudantes do sexo feminino teria uma ocorrência maior da vogal *schwa*. Os valores foram próximos e o grupo de estudantes do sexo masculino obteve um valor de 51% de ocorrência do fonema, enquanto que o grupo de estudantes do sexo feminino obteve um valor de 49%. Esses valores podem indicar que a variável gênero não impacta na ocorrência da vogal *schwa*.

A transferência linguística também foi um aspecto levado em consideração na nossa pesquisa: a princípio acreditávamos que os fonemas transferidos para a pronúncia do fonema estudado seriam os fonemas da própria língua dos alunos, contudo, muitos dos fonemas substituídos pelo *schwa*, eram fonemas encontrados na própria língua estrangeira.

Essa pesquisa pode trazer contribuições para ensino e aprendizagem da pronúncia na língua inglesa, pois trata de um fonema característico dessa língua que como vimos ao longo da pesquisa, é o mais recorrente na língua inglesa e tem uma grande importância para essa língua. Essa pesquisa também pode ser uma forma de conscientizar os aprendizes de língua inglesa sobre a existência e importância desse fonema.

Essa pesquisa abre possibilidades para possíveis desdobramentos: poderíamos usar esses dados para fazer uma análise acústica da ocorrência do fonema *schwa*, será que os resultados seriam os mesmos? A pesquisa foi feita com um grupo de alunos de curso de Letras-Inglês, será que outros públicos teriam resultados diferentes? Há outros possíveis encaminhamentos, como a relação da vogal *schwa* e outros aspectos da língua na fala de aprendizes de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

- ADAMSON, H. Douglas and KOVAC, Ceil. Variation theory and second language acquisition. In: David Sankoff and Henrietta Cedergren, eds. **Variation Omnibus**, p. 285-293. Edmonton: Linguistic Research, 1981.
- BARBOSA, P; ALBANO, Eleonora. Illustrations of the IPA: Brazilian Portuguese . **Journal of the International Phonetic Association**. State University of Campinas, 2004.
- BAYLEY, Robert. **Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation**. San Antonio: University of Texas, 2005.
- BEEBE, L. Sociolinguistic variation and style shifting in second language acquisition. **Language Learning**, 30, 433–447, 1980.
- BOLLELA, MARIA Flávia Pererira. **Uma proposta de Ensino da Pronúncia da Língua Inglesa com Ênfase nos Processos Rítmicos de Redução Vocálica**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.
- CAGLIARI, L. C; ABAURRE, M.B.M. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 10, p-39-57, 1986.
- CHRISTIANO, M. Elizabeth Affonso. **Weak Forms as a Problem Area for Brazilian Students of English**. 99f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1984.
- CRYSTAL, David. **Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6^a ed. New Jersey, USA: Blackwell Pub, 2008. 529p.
- DICKERSON, L. The learner's Interlanguage as a System of Variable Rules. **TESOL Quarterly**, v.9, n.4, p. 401-7, 1975.
- DULAY, H. & BURT, M. Errors and strategies in child second language acquisition. **TESOL Quarterly**, v.8, n.2, pp. 129-136, 1974.
- ECKMAN, Fred. The markedness differential hypothesis: theory and applications. In: WHEATLEY, A. et al. **Current approaches to SLA: proceedings of the 1984 University of Wisconsin-Milwaukee Linguistics Symposium**. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- ELLIS, Rod. **The Study of Second Language Acquisition**. 2^a ed. Oxford: Oxford University Press, 1994. 824p.

FELIX, Sascha. Interference, interlanguage and related issues. In: Felix (Ed) **Second language development: Trends and issues**. Engl. Seminar der Univ, 1980.

FIRTH, A. & WAGNER, J. On discourse, communication, and (some) fundamental concepts in SLA research. **Modern Language Journal**, 1997.

FRAGOZO, Carina Silva Sauro. **A Redução Vocálica em Palavras Funcionais Produzidas por Falantes Brasileiros de Inglês como Língua Estrangeira**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

GODOY, Sonia. et al. **English Pronunciation for Brazilians: the sounds of American English**. São Paulo: Disal, 2006.

GOMES, Almir Anacleto de Araujo. **A Epêntese Vocálica Inicial em Clusters sc por Aprendentes Brasileiros de Inglês como LDE**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2014.

GASS, Suzan M. & SELINKER, Larry. **Second Language Acquisition: An Introductory Course**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. 357p.

GIMSON, A. C. **An Introduction to the Pronunciation of English**. 2nd ed. London: Edward Arnold (Publishers), Ltd, 1970.

HIRAKAWA, Daniele Akie. **A Fonética e o Ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras: teorias e práticas**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP, 2007.

HOOKE, Robert; ROWELL, Judith. **A Handbook of English Pronunciation**. Hong Kong: Nelson ELT, 1991. 246p.

HUEBNER, T. **A longitudinal analysis of the acquisition of English**. Ann Arbor, MI: Karoma Publishers, 1983.

JONES, Roger. Portuguese Notes. In: HOOKE, R; ROWELL, J. **A Handbook of English Pronunciation**. Hong Kong: Nelson ELT, 1991. p. 214- 222.

JONES, Daniel. **An Outline of English Phonetics**. 9th. ed. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1962.

KELLERMAN, E. The empirical Evidence for the Influence of L1 in Interlanguage. In: DAVIES, C. **Interlanguage**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1984.

KELLY, Gerald. **How to Teach Pronunciation**. Harlow: Longman, 2000.

KENWORTHY, Joanne. **Teaching English Pronunciation**. New York: Longman, 1987.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LADEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. **A Course in Phonetics**. Sixth edition. Canadá: Wadsworth, Cengage Learning, 2010.

LIMA, Priscila Evangelista Morais. **A Palatalização do /s/ Pós-vocálico: uma análise variacionista da transferência fonológica do falar paraibano (I1) na aquisição de inglês (I2)**. 79f. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2014.

LORENSON, Sue. et al. **The Great Vowel Shift: its rules, its legacy, and its evaluation a natural process**. 1991. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmaur.edu/bitstream/handle/10066/10710/Lorenson_thesis_1991.pdf?sequence=3> . Acesso em: 28 de fevereiro de 2017.

LOW, Ee Ling. **Pronunciation for English as International Language: from research to practice**. Abingdon: Routledge, 2015. 266 p.

MACHADO, M. Auxiliadora Cavalcanti. **The Rôle of Stress and Vowel Reduction in the Teaching of English as a Foreign Language**. 111f. Dissertação (Mestrado). João Pessoa: UFPB, 1985.

MARUSSO, Adriana. **Schwa como Variante Átona de /a/ em Português Brasileiro** (estudo preliminar). In: Estudos em fonética e fonologia do português. César Reis (Org.). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002. p.193- 204

MARUSSO, Adriana. **Redução Vocálica: Estudo de caso no português brasileiro e no inglês britânico**. Dissertação(doutorado em linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MASCHERPE, Mário. **Análise Comparativa dos Sistemas Fonológicos do Inglês e do Português**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

MATEUS, M. H. M. et al. Como explicar as relações entre os segmentos. **Fonética, fonologia e morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MCMAHON, April. **An Introduction to English Phonology**. *Edinburgh: Edinburgh University Press*, 2002. 148p.

MIGLIORINI, Livia Monteiro de Queiroz. Ritmo Silábico/Ritmo Acentual: Divergências quanto à definição de Ritmo do Português do Brasil. **Estudos Lingüísticos XXXVI(1)**. Araraquara/SP: Unesp. janeiro-abril, 2007. p. 47 / 51.

MOLLICA, Cecilia; BRAGA, M. Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MORTIMER, Colin. **Elements of Pronunciation: Intensive practise for intermediate and more advanced students**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

NASCIMENTO, K. R. S. ; CARVALHO, W. J. A. Análise acústica de sons vocálicos de palavras funcionais do inglês. **Revista Diadorim**. Rio de Janeiro: Universidade federal do Rio de Janeiro, 2012. v. 12, dezembro de 2012. p. 189-213.

PAIVA, M. da Conceição. In: **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. MOLLICA, Cecília; BRAGA, M. Luiza (orgs). São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

PAULI, Valesca Simon. **Interferência Fonética de um Dialeto Alemão na Expressão Oral e Escrita em Português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Universidade federal de santa Catarina, 2007.

RISSI, Natália Calderan. **A Fonética na Sala de Aula de Inglês**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2012.

ROACH, Peter. **English Phonetics and Phonology**: a practical course. 2. ed. Cambridge: University Press, 1991.

ROCHA, Nildicéia e ROBLES, Ana María. Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispano falantes de português como língua estrangeira. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 641-680, 2017.

ROSSA, Priscila. **A consciência fonológica do professor de língua inglesa como l2 em contexto brasileiro**: os aspectos ditongais em foco. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.

SANT'ANNA, Magali Rosa de. **As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português do Brasil**. In Dialogia, v. 2, Outubro de 2003.

SCHMIDT, R. Sociolinguistic variation and language transfer in phonology. **Working Papers on Bilingualism**, 12, 79–95. 1997.

SCHÜTZ, Ricardo. **English and Portuguese Vowel Phonemes Compared**. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-voga.html>> . Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.

SEARA, Izabel Christine. et al. **Para Conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SELINKER. The Interlanguage. **IRAL**, v. 10, n. 3, p. 209-232, 1972.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Marcela Ortiz Pagoto. **A Fonética como um Importante Componente Comunicativo para o Ensino de Língua Estrangeira**. Revista prolíngua. v. 2 n. 1 Jan/jun 2009, p.33-43.

STEINBERG, Martha. **Pronúncia do Inglês Norte-americano**. São Paulo: Ática, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007. 96 p.

TARONE, Elaine. Sociolinguistic Approaches to Second Language Acquisition Research - 1997 - 2007. **The Modern Language Journal**, v.9, p.837-848, 2007.

TARONE, E. & PARRISH, B. Article usage in interlanguage: A study in task-related variability. **Language Learning**, 38, 21–44, 1988.

WODE, H. Developmental sequences in naturalistic SLA. In: Hatch, E. **Readings in Second Language Acquisition**. Rowley, MA: Newbury House. 1978.

YOUNG, Richard, F. **Variation in interlanguage morphology**. New York: Peter Lang, 1991.

YOUNG, Richard F. and Robert Bayley. VARBRUL analysis for second language acquisition research. In: Robert Bayley and Dennis R. Preston, eds. **Second language acquisition and linguistic variation**, p, 253-306. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

ZIMMER, M.C. **A Transferência do Conhecimento Fonético-fonológico do Português Brasileiro (L1) para o Inglês (L2) na Recodificação Leitora**: uma abordagem conexionista. 2004. 187f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

APÊNDICE A- Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a ocorrência da vogal schwa na língua na língua inglesa na fala de alunos brasileiros e está sendo desenvolvida por Oziel Alves Silva, aluno do Curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do (a) Prof.(a) Rubens Marques de Lucena.

Os objetivos do estudo são verificar a ocorrência do uso do schwa em palavras lexicais, e quais variáveis linguísticas e extralinguística podem influenciar essa ocorrência.

A finalidade deste trabalho é contribuir para aprendizagem de língua inglesa e futuras pesquisas sobre o fonema que será analisado.

Solicitamos a sua colaboração para realização de uma gravação em áudio feita com um celular Samsung duos, dividida em dois momentos. No primeiro, os participantes farão a leitura de dez frases em inglês selecionadas pelo pesquisador. No segundo momento os participantes escolhem um tópico de escolha do próprio participante que desejem falar em inglês com duração de 1 a 3 minutos aproximadamente. Também solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em possíveis eventos. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha_____

APÊNDICE B - Instrumento I

10 frases contendo a vogal schwa em palavras lexicais e gramaticais.

Nota: O instrumento entregue para os alunos não possuía a marcação em negrito.

- 1) He **o**bjected that the **p**olice had **a**rrested him without **s**ufficient evidence
- 2) This **d**iscovery caused a **r**evolution in medicine
- 3) We **c**arefully **c**ompared the first report with the **s**econd.
- 4) **S**ugar **o**ccurs naturally in fruit
- 5) These **m**ea**s**ures are strongly **s**upported by **e**nvironmental groups
- 6) That's not a very **o**riginal **s**uggestion
- 7) The **p**oliceman walked along the street
- 8) I found these apples **m**oldering in the **c**upboard
- 9) You should take it as a compliment when I **f**all **a**sleep in **y**our **c**ompany.
- 10) I had toast and marm**a**lade for breakfast

APÊNDICE C- Instrumento II

1) Talk anything about yourself

Where are you from?(country) Do you like living in this country? Would you like to visit other places?

What are your hobbies? And what is so good about them?

What do you usually do in your free time?

What are you up to these days? Things like Studying, working...

What are your plans for the future?

2) Imagine/describe your best vacation ever

3) What is your favorite Brazilian holiday? Describe what you did in some of your holidays.

4) What is your opinion about prejudice?

Describe how is Racism, homophobia and other kinds of prejudice in your country

APÊNDICE D- Dados De Ocorrência Da Vogal *Schwa*

Participante: P + numeral de 1 a 20.

Nível de proficiência: A (avançado), I (Intermediário) ou B (básico)

Gênero: M (masculino) ou F (feminino)

Consciência fonética: C (com consciência fonética explícita) ou N (sem consciência fonética explícita)

Participante	Valor de ocorrência
P1AMC	91,7%
P2AMC	86,6%
P3AFC	81%
P4AFC	80%
Total	84,4%

Participante	Valor de ocorrência
P5AMN	92,5%
P6AMN	82,9%
P7AFN	80%
P8AFN	76,2%
Total	82,8%

Participante	Valor de ocorrência
P9IMC	70,6%
P10IMC	83,3%
P11IFC	67,7%
P12IFC	75%
Total	74,3%

Participante	Valor de ocorrência
P13IMN	63,6%
P14IMN	50%
P15IFN	54,8%
P16IFN	61,1%
Total	57%

Participante	Valor de ocorrência
P17BMN	29,4%
P18BMN	26,5%
P19BFN	26,5%
P20BFN	33,3%
P21BMN	24,2%
P22BMN	28,1%
P23BFN	31,2%
P24BFN	20%
Total	28,8%

Gênero: M (masculino) ou F (feminino)

Participantes do sexo Masculino	Valor de ocorrência
P1AMC e P2AMC	89%
P5AMN e P6AMN	88%
P9IMC e P10IMC	77,1%
P13IMN e P14IMN	56,3%
P17BMN e P18BMN	27,9%

P21BMN e P22BMN	26,2
Total	61,3%

Participantes do sexo Feminino	Valor de ocorrência
P3AFC e P4AFC	80,5%
P7AFN e P8AFN	78%
P11IFC e P12IFC	71,6%
P15IFN e P16IFN	57,7%
P19BFN e P20BFN	30,1%
P23FMN e P24FMN	25,8
Total	60%

Schwa em Posição Pretônica e Postônica

Posição	Pretônica	Postônica
Número total de possíveis <i>schwas</i>	259	324
Substituição do <i>schwa</i> por outro fonema	112	102
Total de <i>schwas</i> pronunciados	43,2%	31,5%

APÊNDICE E - Instrumento de Análise

Participante:

INSTRUMENTO I

1)

/ /	objected	/ /	Police	/ /	Arrested	/ /	/ /	sufficient
-----	-----------------	-----	---------------	-----	-----------------	-----	-----	-------------------

2)

/ /	<u>discovery</u>	/ /	/ /	Revolution
-----	------------------	-----	-----	-------------------

3)

/ /	carefully	/ /	compared	/ /	second
-----	------------------	-----	-----------------	-----	---------------

4)

/ /	sugar	/ /	occurs	/ /	naturally
-----	--------------	-----	---------------	-----	------------------

5)

/ /	measures	/ /	supported	/ /	environmental
-----	-----------------	-----	------------------	-----	----------------------

6)

/ /	/ /	original	/ /	//	Suggestion
-----	-----	-----------------	-----	----	-------------------

7)

/ /	/ /	policeman
-----	-----	------------------

8)

/ /	moldering	/ /	cupboard
-----	------------------	-----	-----------------

9)

/ /	compliment	/ /	<u>asleep</u>	/ /	<u>company</u>
-----	------------	-----	---------------	-----	----------------

10)

/ /	marm al ade	/ /	break fast
-----	--------------------	-----	-------------------

INSTRUMENTO II

Descrição de palavras com possíveis *schwa*/substituição do *schwa* por outro fonema